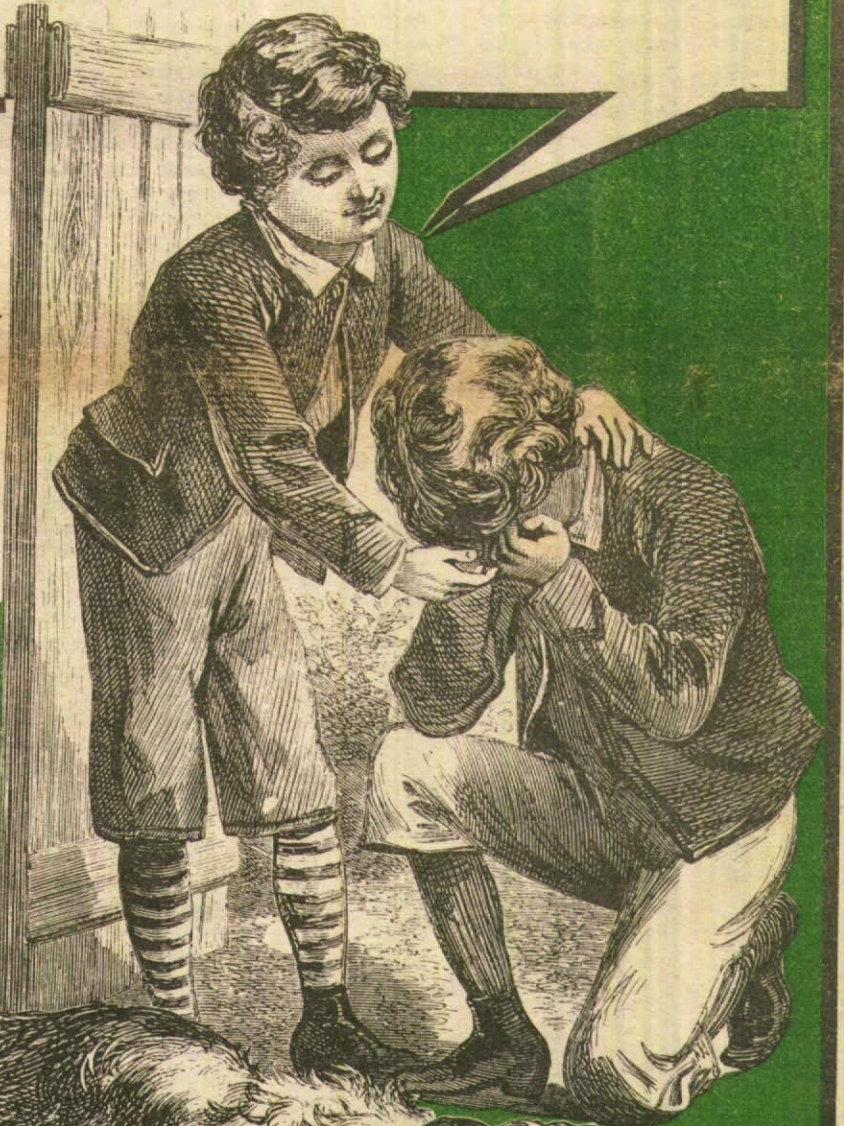
LAMPIÃO da esquina

Rio de Janeiro, fevereiro de 1980 — CR$ 25,00

TUDO SOBRE O CARNAVAL DAS BICHAS

PRISÃO CAUTELAR: mas quem não é suspeito?

- SUFOCO NA ARGENTINA
- UM HEROI SUPERGAY

CHOCANTE: RAFAELA MAMBABA NUA!

■ Leitura para maiores de 18 anos
ano 2 nº 21

LAMPIÃO

Conselho Editorial — *Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet; João Silvério Trevisan e Peter Fry.*

Coordenador de Edição — *Aguinaldo Silva.*

Colaboradores — *Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Míccolis, Luiz Carlos Lacerda, Mirna Grzich, Nelson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio), José Pires Barrozo Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélsio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).*

Correspondentes — *Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid); Addy (Londres); Celestino (Paris).*

Fotos — *Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schistini (São Paulo) e arquivo.*

Arte — *Paulo Sérgio Brito (diagramação), Mem de Sá, Dimitri Ribeiro, Patricio Bisso e Hildebrando Castro.*

Arte Final — *Edmilson Vieira da Costa.*

Publicidade — *Ward Omanguin Farias.*

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; C.G.C. (MF) 29529856/0001-30, Inscrição Estadual 81.547.113. Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal, 41.031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S/A — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo: Paulino Carcanheti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Livraria Literarte; Florianópolis e Joinville: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: J. Ghignone & Cia. Ltda.; Manaus: Stanley Whide; Vitória: Angelo V. Zurlo.

Assinatura anual (doze numeros): Cr$ 250,00. Número atrasado: Cr$ 30,00. Assinatura para o exterior: US$ 15,00.

A vida é fácil?

Segundo um jornalista, a cena poderia figurar em qualquer antologia surrealista: dia 1º de dezembro de 1979, no centro de São Paulo, umas cem prostitutas da Boca do Lixo fazem uma passeata de três horas, terminando diante da Seccional de Polícia, onde berram palavras de ordem obscenas e exigem melhores condições de trabalho — fim das extorsões (pagam Cr$ 500,00 por semana para a polícia) e dos maus-tratos (são espancadas e jogadas no xadrez, sem culpa formada); isso sem falar dos assassinatos impunes como o do ricaço Dan Blum contra Maria Regina. O delegado Wiliam do Amaral, responsável pelo fechamento de vários hotéis daquela área, aconselha as putas a mudarem de vida, trabalhando como domésticas em casas de famílias. Resposta de uma delas: "E ganhar dois mil cruzeiros por mês? Isso eu ganho num dia. À saída, as mulheres mostram-se descontentes com a inflexibilidade do delegado: "Nós vamos roubar. Vamos abraçar os otários na rua e quando eles verem, já estão sem carteira." Mais revoltada, uma delas não pára aí: "Por isso, quando posso eu dou cobertura para os trombadinhas. Passa um por mim correndo e eu digo: Vai, meu filho, que Deus te ajude."

Vários jornais noticiaram surrealística ou folcloricamente esse fato incômodo, e depois silenciaram, ajudando inadvertidamente polícia que chegou na Boca com os jornais na mão e foi prendendo ou espancando as mulheres que podiam ser assim identificadas. Atualmente, além de melhores condições de trabalho, elas pedem inclusive garantia de vida. Foi então que, deixando de lado o risco de críticas por parte dos "companheiros" (de ambos os sexos), algumas feministas resolveram efetivar sua solidariedade a essas jovens proletárias esquecidas pelas cartilhas do progressismo nacional. Reuniram-se para decidir a criação de uma Associação através da qual as putas possam reivindicar seus direitos. Mas na segunda reunião as putas sequer puderam descer do carro: policiais à paisana estavam postados à entrada do prédio onde haveria a reunião e viaturas circulavam pelo quarteirão.

Já na tarde desse mesmo dia, aliás, os policiais tinham visitado os pontos de trotoar da Boca, fazendo ameaças às mulheres que participassem da reunião. Se a vida para elas já era dura, ficou pior. Evitando ações diretas, a polícia contrata trombadões para surrá-las. E até os donos de hotel, intimidados, recusam quartos às mulheres envolvidas nas reivindicações. O mais grave aconteceu com Rose, uma das líderes, que tem apenas 17 anos. Depois de desaparecida por quase um mês, foi finalmente encontrada nas docas de Santos, para onde fugira após ter sido sequestrada e surrada por um grupo de policiais que a deixaram ferida e semi-nua na beira de uma estrada; ela conta também que abortou durante a surra. Trazida para São Paulo, Rose tentou o suicídio na prisão, com a alça do sutiã. Deu um depoimento à imprensa, dentro do 3º Distrito (o mesmo que ela acusava e sob as vistas do delegado; parecia bastante amedrontada, segundo os jornalistas. Levada à FEBEM (Campo de Concentração para Menores), teria fugido novamente e está desaparecida até hoje.

Essas situações dolorosas provocaram uma reunião do Teatro Ruth Escobar, para discutir as possibilidades concretas de apoio à luta das putas. Aí havia de tudo: desde viados, lésbicas e feministas até deputados da oposição e meninos da UNE/UEE — estes fazendo inflamados discursos sobre a "necessidade de democratizarmos a relação com as prostitutas", argh, e agindo como verdadeiros patrulheiros pró-democracia (e tome demagogia!). Nesse saco de gatos aconteceram coisas interessantes e instigadoras, a meu ver. Só no final é que apareceram uma dez putas, sob promessa de que não tiraríamos fotos nem revelaríamos seus nomes pelos jornais. Houve um silêncio quando elas entraram: acho que tínhamos o coração alvoroçado porque tratava-se de um terreno ideologicamente escorregadio. Eram quase todas adolescentes (quem falou em corrupção de menores?). Uma delas explicou a situação enfrentada:

"Queremos condições pra vender direito nosso corpo, sem perseguição da polícia. Tem aqui uma que já foi presa quatro vezes nesta semana. A gente trata bem a freguesia, mas a polícia vem e estraga tudo. Depois que a gente se movimentou, a polícia não deixa nem encostar ali no nosso canto, com respeito. Ninguém dá valor pra prostituta. Home passa, mexe e xinga. Todo mundo mexe. Queremos ganhar nosso dinheiro sossegada, sem polícia espancando e deixando a gente nua na rua. Não deviam ter esse direito de enfiar a gente no xadrez, em sala forte. Eles marcam a gente e ficam prendendo sem parar. Levam pra inspeção mas acabam deixando presa dez dias. Já vi muitas abortando na cadeia. Lá a gente não recebe nem um café, só água fria no corpo. Queremos ganhar nosso dinheiro, porque temos filhos pra criar, diária no hotel e restaurante pra pagar. Mas eles não querem nem saber. Carcereiro cobra Cr$ 100,00 por um maço de cigarro. Dinheiro de prostituta não rende. Eu já fiz Cr$ 4.000,00 por dia, mas no outro dia não tem mais nada. Não deviam levar a gente nem xingar. Tem aqui uma que foi espancada tantas vezes que já tá até manca. Desde a passeata a gente tem dificuldade pra trabalhar e está ganhando pouco por causa disso."

Corremos uma sacola para arrecadar dinheiro: afinal, elas estão perdendo tempo de serviço. Para que as prostitutas tomem conhecimento e opinem sobre o que discutimos, alguém da mesa lê em voz alta as conclusões tiradas por nós até aquele momento. Então, um desses rapazes com síndrome democrática (policiando para que ninguém escorregue da linha democrática) levanta-se revoltado porque estamos falando uma linguagem muito difícil, esquecidos de que há uma divisão entre nós e as prostitutas — e portanto, diferenças culturais. Muito irreverentes o tempo todo, as putas começam a rir e dizem que estão entendendo tudo — são pobres mas não burras.

Lemos nossas conclusões: ajudar as putas a organizar sua Associação (idéia lançada por elas mesmas); espalhar pelas Bocas uma lista com telefones de várias entidades que poderão auxiliar com advogados, em caso de violência policial (inclusive solicitando habeas-corpus preventivo); acionar a Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa para que sejam convocados o Secretário de Segurança e denunciados os investigadores envolvidos nessas agressões; acompanhar de perto o andamento da situação e manter um núcleo de informação que divulgue as denúncias das putas; convidar uma representante delas para integrar a Coordenação do Segundo Congresso da Mulher Paulista, a fim de garantir sua presença efetiva nesse acontecimento que ocorrerá em março. As prostitutas concordam. Programa-se uma reunião sigilosa, em local suficientemente seguro, para se continuar a organização de um plano.

Isso foi tudo. E muito, porque nessa noite houve uma violenta checação dentro de nós, com importantes ressonâncias em nosso contexto de esquerdas ideológicas. Por exemplo, lá pelas tantas levantou-se um rapaz e, como quem retira a orientação ético-ideológica do manual da revolução, colocou o problema de "maneira correta": segundo ele, não podemos tratar a prostituição como uma coisa boa em si; precisamos analisá-la como uma aberração do capitalismo e lembrar que deverá desaparecer com o advento do socialismo, como já foi feito em Cuba; estamos aqui ajudando a que seja sanada uma injustiça, mas não consagrando a prostituição, disse ele.

Pensei comigo: já ouvi padres falando nesse mesmo tom, com mudança apenas a nível de citações ou princípios. Fiquei incomodado com isso. A primeira coisa é que me parecia estarmos colocando uma discutível barreira entre nós e as putas, já evidente quando as chamávamos respeitosamente de prostitutas. Por que dizíamos PUTAS, como nos nossos palavrões diários, que explicitam mais claramente o que pensamos delas? A armadura ideológica não seria um modo de nos exorcizar de uma realidade da qual somos personagens? Por acaso, não tememos a prostituição exatamente porque nos envolve, indiscriminadamente? Parece-me que, para além do lugar comum, SOMOS TODOS PUTOS E PUTAS, em quotidianas relações de venda e troca que se mascaram em racionalizações. Por exemplo, não seria o casamento uma forma permitida e santificada de prostituição? O contrato sócio-religioso do matrimônio não me parece tão diferente de algumas notas de cem cruzeiros, numa relação de troca onde, em ambos os casos, a mulher abre as pernas para ter seu sustento garantido pelo macho. Nas duas ocasiões pode-se dizer que a mulher é socialmente submetida ao pênis — com a diferença que no matrimônio essa submissão se dá sob as bençãos do estado e da igreja.

Por isso, o saneamento ideológico daquele rapazinho socialista parecia esconder um resquício moralista equivalente ao pensamento cristão de que sexo é pecado. Quero dizer que existem outros ângulos "heréticos" da questão. Por exemplo, para além do problema social que a prostituição carrega aqui e agora, pode existir um amor legítimo pela profissão de puta — como existem vocacionados a outras profissões, por que não? Uma puta, além de fazer sexo por necessidade de sobrevivência, pode também ter sua profissão em alta consideração e não pretender abandoná-la. Aliás, as putas presentes à reunião não contestaram em nenhum momento a prostituição em si; queriam sim melhores condições de trabalho, assim como os metalúrgicos lutam por salários melhores — com a diferença que estes últimos são considerados mais dignos em nossas cartilhas progressistas ou não.

Portanto, nenhum socialismo do mundo poderá proibir alguém que queira receber dinheiro pelo sexo que faz: existe uma faceta lúdica nessa relação onde o dinheiro pode carregar um componente erótico tão indiscutível quanto misterioso (assim como nos casos de sadomasoquismo, fetichismo e outras fantasias imprevisíveis). Ou seja: nosso desejo não segue regras ideológicas; pelo contrário, tende a ultrapassar os limites do bom-mocismo. A conotação pejorativa dada à prostituição sexual de nossas cabeças moralistas (sejam elas pretensamente de esquerda ou não), porque ainda temos o sexo como coisa muito especial, ligada à dicotomia sujeira/pureza ética. Acima de tudo, reprovamos a puta porque ela DÁ indiscriminadamente — do mesmo modo como a conotação negativa ao homossexualismo repousa na suposição de que bicha sempre DÁ o cu. Em nossa cultura, DAR é algo humilhante. Me pergunto então se o mal-estar para com a prostituição não reside fundamentalmente no ranço machista que mantém os papéis sexuais de passivo/ativo como moralmente determinantes, a nível de estereótipo. Só por isso os homens que comem muitas mulheres são elogiados como garanhões e as mulheres que dão para muitos homens são xingadas de putas. (E atenção para a implicação dos termos COMER e DAR).

Numa sociedade verdadeiramente pluralista deve haver espaço para o imaginário erótico das pessoas; por ex., que o sexo seja uma profissão para quem gosta disso! Aliás, Masters & Johnson agem da mesma maneira quando acompanham os coitos por detrás dos espelhos de seus laboratórios, não é mesmo? A excelência dessas profissões depende da excelência que damos aos objetivos que as norteiam — mais prazer ou mais dever. O problema da prostituição nos deixa inseguros por ser mais um que não se enquadra totalmente em nosso padrões ideológicos fechados. Mas a verdade é que, enquanto nossa sensualidade capta com facilidade certos fatos "inexplicáveis", somos obrigados a nos virar do avesso para ter uma compreensão intelectual dos homens. Ou seja: enquanto as fantasias nos arrastam, a ideologia nos patrulha. Em outras palavras: primeiro pedimos, mortos de prazer, que nos chamem de puta; depois já fora da cama, morremos de culpa em nome dos manuais. Não seria o caso de abrir gostosamente espaço (e mais do que isso) para nossas fantasias?

A solidariedade para com as prostitutas tem raízes não apenas em nossas posturas ideológicas possivelmente progressistas, mas também em nosso misterioso, saboroso e rico imaginário erótico. O qual não tem medo dos "companheiros".

(João Silvério Trevisan)

Eloína dá o serviço: operação, implantes, silicone, etc.

O público brasileiro, e o carioca em particular, já se acostumou a aplaudir uma bonita mulata que todos os anos, durante os desfiles das Escolas de Samba se constitui numa das maiores atrações da Beija-Flor. Na verdade, Eloina, essa mulata, é um dos mais conhecidos travestis brasileiros, residente há oito anos em Paris e que todos os anos vem ao Rio durante as férias e pode ser encontrada nos lugares da moda, desde o Regine's ao Sótão,. Eloina me recebeu em seu apartamento carioca pra um papo sem maiores grilos, disposta a falar e contar coisas com a personalidade e a coragem que sempre foram sua marca registrada. (**José Fernando Bastos**)

LAMPIÃO — **Eloina, conta pra gente como tudo começou, como você se transformou nessa bonita mulher que você é hoje, etc...**

ELOINA — Bem, Zé, eu sempre ia ao baile do Teatro Repbulica vestida de mulher, mas já existia em mim essa vontade de ser travesti profissional. Aí a Marisa Caveira me levou pra eu fazer um teste na boate Pigalle, inclusive Brigite Blair trabalhava lá nessa época com o nome de Marilu Lambreta. Passei no teste e comecei a trabalhar. Nessa época eu ainda não tinha seios, enfim, era um rapazinho.

LAMPIÃO — **E como surgiu essa sua ida para Paris?**

ELOINA — Eu mantinha correspondência com Rogéria e Valéria que já moravam lá e me incentivaram muito, me chamavam muito. Nessa época eu morava com um rapaz que foi quem me financiou a viagem. Tudo. Eu cheguei em Paris em 72 sem falar nem "boa noite" em francês. E nessa época não tinha nenhuma brasileira lá. Fui para o Hotel Perrot, na Place Pigalle e minha sorte foi que a mulher que me atendeu era espanhola.

LAMPIÃO — **Muitos travestis brasileiros que viajam para o exterior voltam dizendo que trabalharam em boates, clubes. Você trabalhou?**

ELOINA — Eu trabalhei, (**Mostra um álbum com programas e fotos do Carroussel do Madame Arthur, de excursões pelo Egito, Iran e as mais estranhas e variadas cidade do mundo**). Fui sozinho ao Madame Arthur e mostrei umas fotos, fiz um teste e no outro dia estava contratada. Lá na Europa o que conta não é o talento, é um corpo bonito, um bom guarda roupa. Rogéria, Valéria Lorena, Elis e poucas mais trabalharam lá. Atualmente a brasileira que está lá é a Angela Leclery. Bem, do Madame Arthur eu fui para o Carroussel que é o mesmo dono. Mas uma pessoa, isso eu quero registrar, que me ajudou muito foi a Rogéria. Inclusive numa excursão que ela ia participar, ela exigiu que eu fosse junto e o empresário teve que ceder.

LAMPIÃO — **E como aconteceu essa sua transformação, esses seios, as pometes (bochechas), os quadris...**

ELOINA — Para os seios, por exemplo, existem vários tratamentos. A prótese que foi o que eu fiz, o silicone, o hormônio...

LAMPIÃO — **Você explica pra gente a diferença, como é feito o tratamento...**

ELOINA — A prótese é uma bolsa que eles colocam no seio e injetam um soro e é feita em 15, 20 aplicações e não tem espécie nenhuma de reação. Não é proibido e custa aqui por volta de sessenta mil cruzeiros. O hormônio ataca muito os nervos e modifica também outras partes do corpo. O silicone, que é proibido tanto em homem quanto em mulher por que dizem que dá cancer, é um líquido injetado diretamente no seio, sem a bolsa que protege, como na prótese. A prótese não doi nem machuca.

LAMPIÃO — **Não teve um caso de um travesti brasileiro, chamado Vanusa Bardot, que foi colocar silicone no rosto e teve problemas?**

ELOINA — Foi. O silicone desceu para o queixo, atacou os nervos. O silicone para o corpo é um, para o rosto é outro, mas muitas não se preocupam com isso. A Vanusa processou esse médico, na época ela ganhou três Bi, há três anos atrás.

LAMPIÃO — **E que remédio novo é esse, o Amplan? Como se compra e se usa?**

ELOINA — O Amplan só é vendido na Europa e nos Estados Unidos. Você consegue a receita com um médico, são umas pílulas. Aí você procura um cirurgião plástico que faz um corte nas duas virilhas e coloca duas dessas pílulas em cada. Aí vem toda a reação. Os cabelos crescem mais, a voz afina, os músculos somem, os seios crescem. Mas isso enfraquece muito o organismo. E não é em todas as pessoas que faz efeito. Depende do organismo de cada um.

LAMPIÃO — **Muita gente pergunta sempre onde vocês escondem o pênis. Nesse seu show agora na Galeria Alaska você faz um strip-tease, os outros artistas aparecem de biquini, como é que faz?**

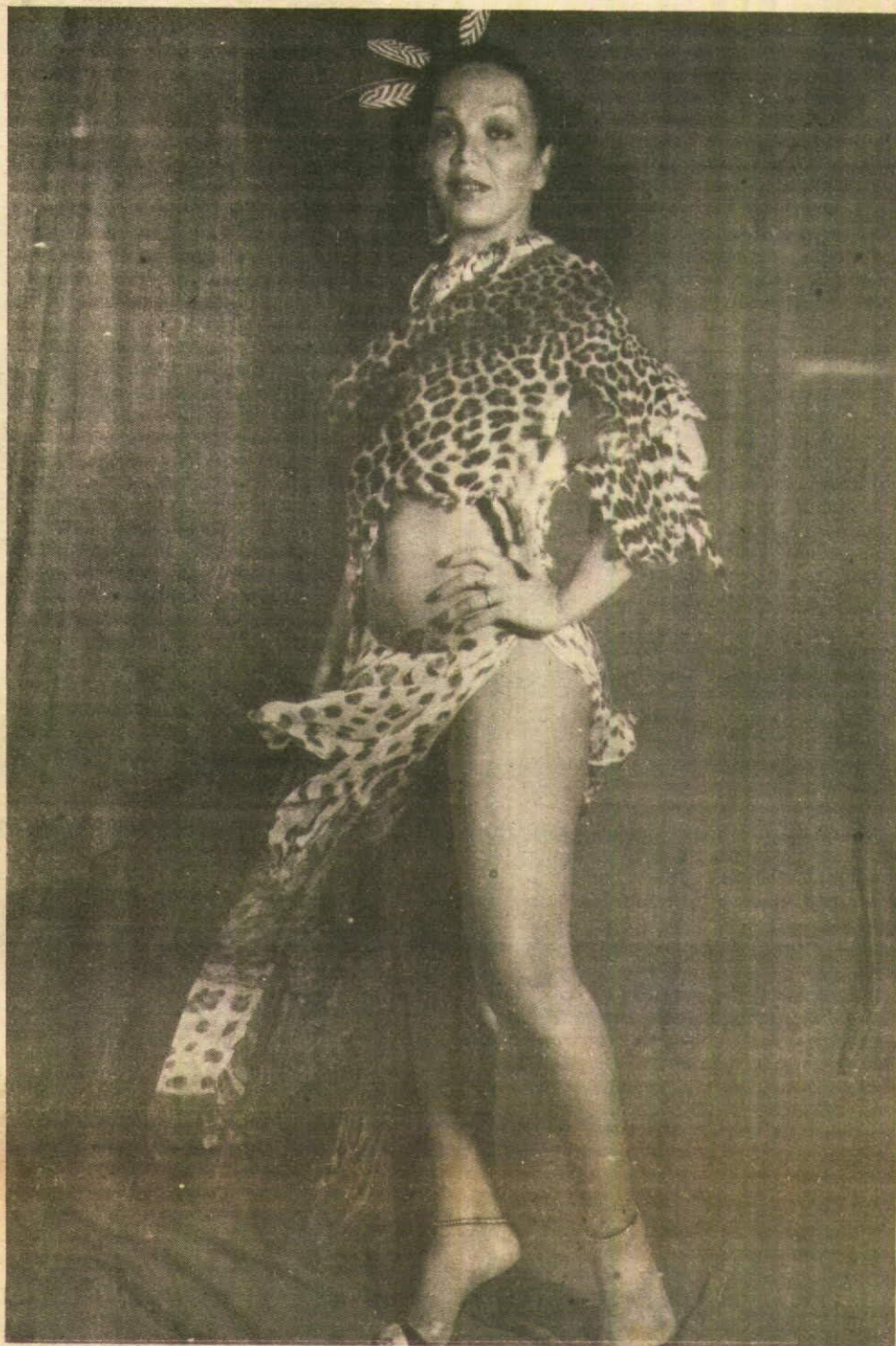
ELOINA — Algumas puxam bastante para trás e prendem com esparadrapo. Eu uso um tapa sexo próprio para isso. Mando fazer o biquini com as alças exatamente onde ficariam os testículos, puxo o pênis para baixo das pernas.

LAMPIÃO — **Você já pensou em se operar?**

ELOINA — Nunca. Não vou operar nunca. A pessoa tem que estar muito preparada de cuca.

LAMPIÃO — **Conte o caso das mortes do travesti Lorena e Vanda e a história de uma que se operou, enlouqueceu e tocou fogo num edifício em Paris.**

ELOINA — A Vanda suicidou-se eu não sei realmente o motivo. A Lorena morreu quando fazia a segunda operação num hospital da Espanha. E como foi dentro do hospital, sabe como é médico, a gente acabou não sabendo exatamente os motivos de sua morte. Quanto à outra eu não sei maiores detalhes. No caso de Lorena dizem que foi infecção.

LAMPIÃO — **Conta pra gente como se processa essa operação, quanto custa...**

ELOINA — Atualmente custa oito mil dólares. Ele imbute os ovos, o pênis e fazem a vagina com o saco escrotal. Geralmente tem que fazer mais de uma operação. O canal da urina fica inalterado é claro, tanto para as necessidades fisiológicas como para o esperma.

LAMPIÃO — **Essas operações são permitidas?**

ELOINA — Não. Tanto que agora mesmo o Dr. Farina foi absolvido de um processo que já durava algum tempo. Ele operou um rapaz, descobriram, disseram que ele transformou esse rapaz num eunuco. Isso foi em São Paulo.

LAMPIÃO — **Do ponto de vista jurídico, um travesti operado é reconhecido como mulher em algum país?**

ELOINA — No Brasil e na França, não. Dentro as lei brasileiras, o homem operado não é mulher. Mas na Alemanha, no Chile por incrível que pareça, e nos Estados Unidos são reconhecidos juridicamente como mulher. Inclusive o governo americano chega a pagar essa operação se a pessoa não tiver dinheiro. Todos eles depois recebem documentos de mulher.

LAMPIÃO — **Acontece de algum travesti operado, com todos os documentos legais, casar-se sem o marido saber e depois de algum tempo esse descobrir? Que providências podem ser tomadas por ele?**

ELOINA — Não conheço nenhum caso de casamento em que o marido não saiba que sua mulher tenha sido um homem. Geralmente o travesti operado conta para o futuro marido. Nesse ponto tem que ser honesta.

LAMPIÃO — **Você conhece alguma casada com papel e tudo?**

ELOINA — Conheço duas francesas que inclusive vêm para o carnaval com os maridos. Elas operaram e, como na França elas juridicamente não são mulheres, tiraram documentos femininos na Argélia. Mas em ambos os casos, os maridos sabem.

LAMPIÃO — **Você sente algum tipo de agressão ou preconceito por parte do povo brasileiro em relação a você?**

ELOINA — Prefiro chamar de injustiça. Até bem pouco tempo no Aeroporto de Londres tinha um poster meu desfilando pela Beija Flor. Uma vez estive para ganhar o estandarte de ouro do Globo e quando souberam que eu era travesti não quiseram dar. A mesma coisa quando me convidaram para aquela capa de revista Manchete com todos os destaques das Escolas de Samba. Na hora da fotografia, Marlene Paiva não permitiu que eu saísse junto com as outras dizendo que aquilo não ficava bem porque ela era uma mulher de sociedade, etc... A única que tentou interceder em meu favor foi a Vanderléia, mas não adiantou. Acabei ficando de fora.

LAMPIÃO — **Existem casos, um bastante focalizado pela imprensa, em que o travesti vive maritalmente com uma lésbica...**

ELOINA — Eu sei. Conheço alguns casos. Mas que me desculpem, para mim isso é exploração. Travesti que tem algum caso com alguma lésbica está tendo por interesse.

LAMPIÃO — **Por que depois de tantos anos resolveu fazer agora esse show do teatro Alaska?**

ELOINA— Por vários motivos. Primeiro que já estão dando mais valor ao Guei. Posso citar como exemplo o livro "Shirley" de Leopoldo Serran, o filme "República dos Assassinos" de Aguinaldo Silva onde inclusive o personagem central, que tem meu nome, está magnificamente intérpretado pelo Anselmo Vasconcelos. Alguns casos especiais do mesmo Aguinaldo. E também que eu percebi que podia falar um bom trabalho ao lado de bons artistas e com uma excelente equipe na produção.

LAMPIÃO — **E seus planos aqui pro Brasil?**

ELOINA— Agora eu comprei meu segundo apartamento aqui no Rio. Daqui há três anos vou aceitar o convite de minha amiga Denise Tagher e abrir uma boutique em Ipanema, onde eu mesma, lá dentro, vou receber os clientes. Não se trata de agressão não, mas simplesmente eu sou um ser humano como outro qualquer. E por que não posso ter minha própria boutique em meu próprio país?

APPAD
associação paranaense da parada da diversidade

GRUPODIGNIDADE

Tudo sobre o carnaval das bichas

Embora São Pedro houvesse castigado nossa mui leal e formosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro o mês passado, há muitos anos não tínhamos um fluxo tão grande de turistas por essas bandas. E para o mês de fevereiro a tendência é aumentar, o carnaval tá aí mesmo, e o que seria do carioca senão fosse essa festa pagã? A gente andou por ai perguntando os tipos de festas e divertimentos que nossas alegres casas irão proporcionar ao pessoal que pintar por esses lados. Quase nenhuma fixou o preço dos ingressos, e, no caso das boates, o freqüentador tem direito a dois drinks.

Na Travessa Cristiano Lacorte funciona durante o ano inteiro o THE CLUB, bar fechado e sofisticado onde apenas se bate papo. Mas para esse mês, Cláudio, seu proprietário, bolou para o dia 8 um Baile Preto e Vermelho, onde travestis não pagam e haverá um concurso de fantasia que premiará o melhor traje e o melhor travesti. As festas do **The Club** costumam ser engraçadas. Será 250,00 com direito a dois drinks. Para o carnaval será cobrado por volta de 250,00 com direito também a dois drinks. Nessa época o bar funcionará das 10 às 4 da manhã.

Bem pertinho, na rua Miguel Lemos 51, a tradicional **La Cueva**, segundo seu gerente Manolo, dará bailes com fitas carnavalescas das 22 às 5 horas e o preço vai ficar entre 280 e 300 cruzeiros. A freqüência é predominantemente de gente mais velha, nem por isso menos alegre, aliás, muito pelo contrário. O 266 **West**, na Avenida Copacabana 266 e o **Zig Zag** na Avenida Bartolomeu Mitre no Leblon, funcionarão praticamente nos mesmos moldes do **La Cueva.**

Mas é na Galeria Alaska que se encontra o internacionalmente famoso **Sótão**, onde a essa altura já é impossível se circular bem antes das três horas da manhã. Segundo seu gerente, Manuelzinho, o **Sótão** ainda não estipulou o preço para o carnaval, mas será mais caro que as outras casas. O Réveillon da casa custou 400 cruzeiros por pessoa com direito a dois drinks. Em compensação você sai de lá com o dia raiando, 7 e meia ou 8 da manhã. Atualmente a melhor boate guei do Rio cobra 200 cruzeiros de consumação.

Quem preferir curtir um grito de carnaval ao vivo tem duas boas opções. O badalado ELITE, na Rua Frei Caneca, 4, todas as sextas-feiras, ao preço de 150,00 sem direito a nada, promove seus cheíssimos bailes. No próximo dia 7 haverá um concurso de travestis com prêmios para a melhor caricata e a rainha do carnaval do **Elite**. O júri será uma atração à parte, pois será formado por personalidades artísticas. O preço é o mesmo dos outros dias, mas no carnaval, com o mesmo horário, será um pouco mais caro. O único senão da Gafieira é sua péssima orquestra, muitas vezes chegando a irritar seus freqüentadores. Bem pertinho, na Praça Tiradentes, o Cinema São José, de melhor orquestra mas com o mesmo horário e um pouco mais caro (200) promove os seus bailes aos sábados. Na sexta-feira de carnaval o seu famoso Baile dos Enxutos, palavrinha meio fora de moda que serve para designar seus freqüentadores. Nos últimos anos o tradicional concurso de fantasias do São José vem sendo esvaziado pela promoção do Bar Paulistinha, no mesmo dia e horário, em que parte da rua Gomes Freire é fechada e por ali desfilam os mais belos e luxuosos travestis do Brasil e exterior, concorrendo a altos prêmios. A apresentação é da Rogéria, e este ano Eloína se apresentará **hors concours** por ter sido a vencedora dos últimos três anos.

As praias do Rio nessa época também se constituem numa atração. Em Ipanema na altura do posto nove, além do já manjado **top-less** das moças uma outra moda começa a surgir, o "**bottom-less**" nada mais nada menos que rapazes que tiram os **shorts** para um mergulho ou para um jogo de futebol na beira do mar. No último sábado, por exemplo, entre os quase quarenta que ficaram nus pelo menos noventa por cento eram bundas conhecidas, segundo os freqüentadores habituais. Outra famosa é a Bolsa de Valores, em Copacabana, em frente ao Copacabana Palace, onde no domingo de carnaval é realizado um concurso de travestis caricatos (pelo visto virou moda mesmo concurso de travestis). A freqüência da Bolsa é de turistas e gente da Zona Norte.

Como atração extra, dois teatros cariocas apresentam **shows** de travestis o Teatro Brigitte Blair, situado entre o **The Club** e o **La Cueva**, apresenta de terça-feira a domingo as 20h e 22h15min. o seu "Mimosas até Certo Ponto" e no Teatro Alaska acaba de estrear "Gay Girls" às 21h30m. domingos, segundas e terças e à meia-noite às quintas, sextas e sábados.

Os bares do calçadão principalmente os do porto é como Acapulco, Rio Jerez e El Faro estão sempre cheios nessa época do ano e os freqüentadores são sujeitos as mais variadas formas de tratamento predominando a estupidez e grosseria dos garçons, principalmente no Rio Jerez, onde você pode não ser servido se pedir pouco, ou mal tratado se não quiser levantar-se e dar lugar a outra leva de fregueses.

Algumas saunas do Rio de Janeiro estarão abertas no carnaval mas ainda não estipularam os horários. A Leblon, na rua Carlos Góes, no bairro do mesmo nome. A Ipanema na Rua Barão de Jaguaribe. A Unicus, na rua Buarque de Macedo, no Flamengo, e na rua Corrêa Dutra a Termas Flamengo.

O famoso Cabaret Casanova, na Lapa, ao lado da Sala Cecília Meirelles tem show de travestis às sextas, sábados e domingos comandados pela famosa Maria Leopoldina.

O domingo de carnval no Rio é o dia mais fraco para os bailes, já que o pessoal que não participa do desfile das Escolas de Samba está na Avenida assistindo ou mesmo em casa pela televisão. Agora uma chancezinha para aqueles que gostariam de desfilar e não sabem como. Até o dia 7 de fevereiro ainda dá tempo de desfilar na ala dos comediantes do Império Serrano que eu orgulhosamente tomo conta há 10 anos. A fantasia custa 4 mil cruzeiros. É só me procurar de madrugada no Bar Acapulco ou o Mário Valle em qualquer baile do Elite. Qualquer garçon nos conhece. No mais é curtir o Rio de Janeiro, embora com o perigo de pensar que poderia estar na Calle Florida. Asta Luego. (**José Fernando Bastos**)

Arrisque: vá às quadras

Os ensaios das escolas de samba continuam sendo a grande pedida das noites de sextas e sábados para quem não for elitista e quiser sair da Zona Sul. Custam barato (50,00) e espantam o baixo astral, pois numa boa batucada não há pobres e ricos, brancos e pretos, homens, mulheres ou guei — há gente. Em algumas escolas as bonecas são especialmente bem recebidas. Podem dar pinta à vontade e sambar a noite inteira, mas para pegações eu recomendo discreção, pois, embora não pareça, a maioria dos homens está acompanhado. Os melhores ensaios são os do Império Serrano e da Portela em Madureira; da União da Ilha (do Governador); da Unidos de Vila Isabel; da Unidos de São Carlos, na Cidade Nova; e da Beija Flor de Nilópolis. Atenção! Evitar a roda de samba da Portela no Mourisco — ainda tem garotão tipo revertério, pode?

Entre os bailes pré-carnavalescos, o de Mário Valle na gafieira elite na rua Frei Caneca, às sextas, é animado e tradicional, além de barato (150,00). Bigodudas musculosas de cabelo curto fazem grande sucesso. Este ano, a orquestra anda meio desafinada, mas até o carnaval a coisa melhora. • No teatro Carlos Gomes, a Beija Flor recebe no mesmo dia a 150,00. Não é um baile especificamente gay, mas todos sabemos o tipo de flores que costumam ser beijadas na praça Tiradentes. • Aos sábados, o São José, tradicional reduto dos travestis cariocas, abre as suas portas. Tem ido muita pouca gente, por causa do preço salgado (200,00).

No carnaval propriamente dito, o dia mais agitado é a sexta-feira. Para os grãfinos ou babacas dispostos a desovar 3.000,00, o empresário Guilherme Araújo oferece o Baile da Sapa Dourada no Pão de Açúcar. Em plena avenida Gomes Freire, haverá o Grito de Carnaval do Paulistinha, nada mais nada menos que um concurso de travestir à fantasia ao ar livre. E, nesta mesma noite, o Baile dos Enxutos do São José continua sendo a maior festa homossexual da face da terra desde a destruição de Sodoma e Gomorra. Deus é má.

No sábado, às 4 horas da tarde, a Banda de Ipanema é imperdível. Travestis dos mais diversos gêneros e garotões de porre esperando serem devidamente deglutidos. A liberdade é total. Outra banda boa é a do Leme.

Domingo, as escolas de samba desfilam na Avenida. Os melhores sambas-enredos do ano são da Vila Isabel (Sonho de um Sonho) **e da Ilha** (Bom, Bonito e Barato) — **mas na hora H, Portela e Beija-Flor deverão surpreender, a primeira com o tema circo e a segunda com histórias infantis. Eu torço mesmo é pelo São Carlos, por isso, nem te ligo.**

Todos os dias de carnaval tem baile no São José e no Elite, não se sabe a que preço. O São José, fraco nos pré-carnavalescos, vira a capital guei do mundo. Já o Elite, ótimo no mês de janeiro, fica um pouco lotado demais. Bom carnaval de rua na Cinelândia, praça Tiradentes, Madureira e Ramos. Os hotéis de transação funcionarão a todo vapor, movidos à vaselina. Boa sorte. (Mary Juana)

Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, "alive and well"!

Em algum ponto entre o Túnel do Pepino e a Restinga de Marambaia a equipe de **LAMPIÃO** — composta de Aguinaldo Silva, Chico Bittencourt e Dimitri Ribeiro — entrevistou e fotografou Rafaela Mambaba, personagem que surgiu nas páginas deste jornal e que, com algumas intervenções e observações fulminantes sobre os assuntos mais diversos, tornou-se uma espécie de mito para os leitores (hoje La Mambaba recebe mais correspondência que todos os lampiônicos juntos). É essa esfinge, ou a "pitonisa dos anos 80" como foi chamada por um grupo de gatões e gatinhas de Ipanema vindo à nossa redação especialmente para fazer tal afirmação, que vamos tentar decifrar — ou iluminar — a seguir.

Mambaba estava no jardim (**topless**, naturalmente), tomando banho de sol. Era domingo, e para que pudéssemos conversar em paz, ela tinha expulsado de seus domínios os admiradores, fofoqueiros e simples agregados que vivem à sua volta como mariposas atraídas pela luz. O jardim fica atrás da casa e é como uma continuação dela, sobe pela montanha em patamares e a exuberância e o desleixo de seus canteiros lembram os jardins à beira do Ganges onde as viúvas indianas gostam de erguer as piras funerárias para se imolar logo após a morte dos maridos. Ao ser informada de que seu jardim dá tal impressão, Rafaela tem um espetacular e bem cronometrado calafrio que lhe sacode todo o corpo. "Cruzes, gente! Essas piras são uma das piores visões que tive na Índia. Deu um bode tremendo porque eu quis arrancar uma dessas viúvas babacas da fogueira. Quase fui linchada pela família dela."

A lembrança dos tempos bicudos da peregrinação ao Oriente parece aborrecer nossa personagem; ela suspende o banho de sol e, rodeada de seus três gatos, dois cães e de uma incrível cabra branca dirige-se para dentro de casa. Os seios, que pareciam minúsculos na posição de descanso, agitam-se agora como dois vulcões retesados, prontos para explodir. Seguimos fascinados a figura esgalga, misto de domadora e fera. A prometida entrevista vai começar, ela decidiu.

Lampião — **Há muita controvérsia em torno do seu nome; alguns maliciosos dizem que você, na verdade, se chama Maria Lúcia, e outros ainda, que seu nome é Crispim.**

Mambaba — Oh, meu São Shakespeare, what's a name? Acaso mudaria o perfume da rosa, se outro fosse o seu nome? Uma rosa é uma rosa eu sou Rafaela Mambaba e pronto.

Lampião — **Você é feminista, lésbica, bicha, hetero ou o quê?**

Mambaba — Me admira muito que vocês, logo vocês, venham com tal pergunta. Eu nunca me classifiquei, como os machistas gostariam. Principalmente porque não gostaria de voltar atrás, depois, se me desse na telha um dia de transar de uma maneira diferente da que faço hoje.

Lampião — **E como é que você transa hoje?**

(Neste momento da mal iniciada entrevista, La Mambaba olhou através das portas envidraçadas e soltou um grito de horror: "Zelda!" Olhamos na mesma direção que ela e vimos a cabra branca, que devorava, metodicamente, todo um canteiro de orquídeas)

Lampião — **Como é mesmo o nome da cabra?**

Mambaba — Zelda. Zelda Fitzgerald

Lampião — **Tá legal. Mas a tua transação, como é que é?**

Mambaba — Depois da entrevista **eu mostro** pra vocês. (**Troca de olhares receosos entre os lampiônicos**).

Lampião — **Você poderia explicar como surgiu essa aura de mistério em volta de sua pessoa, e a lenda de que em poucas palavras La Mambaba decifra e esclarece qualquer situação?**

Mambaba — Pera aí, gente. Assim vocês estão me pintando como se eu fosse um detetive de Agatha Christie, que resolve com um estalar de dedos os enigmas mais complicados. Não é nada disso. Nem sou um Padre Vieira, que tem estalos. Deixo isso pra pessoas que têm cultura livresca, que gostam de criar frases de efeito, os Paulos Francis e os Ottos Lara Resende da vida. O meu **insight**, como dizem, é resultante de uma grande experiência vital iniciada muito cedo, em Carangola, minha cidade, e da convivência com aquele que me treinou para a vida, o Antônio Chrysóstomo. Além disso, tenho também uma grande vivência do, digamos assim, mundo ao largo, do desbunde do mundo ocidental. Fui uma das porta-bandeiras desse desbunde no fim dos anos 60. Foi a recuperação desse estado que me deu cancha suficiente e energia para compreender tudo o que vem acontecendo depois.

Lampião — **Como é que foi mesmo aquela história do trapezista em Carangola?**

Mambaba — Ai! Até hoje, quando me falam nisso, sinto uma dor no coração. Foi o seguinte. Eu estudava num colégio de freiras onde só se falava francês. Quer dizer, era uma coisa chatíssima. Um dia, passou um circo em Carangola, e Sóror Jeanne Bernardette, a professora de francês, resolveu levar as melhores alunas pra ver a função. Eu era uma delas, claro. Gente, quando eu vi o trapezista se pendurar naquela fina teia, dar aqueles impossíveis saltos mortais, ficar parado no ar durante alguns segundos antes de se atirar na rede, audaz e volante, nem pestanejei: escolhi ele na hora para me desvirginar.

Lampião — **Mas pera aí de novo; quantos anos você tinha?**

Mambaba — Treze. Bom, eu era muito precoce, né? Daí que, naquela mesma noite, arrumei minha trouxa e parti. Cheguei no circo de madrugada, fazia um frio brabo, daqueles que sopram das montanhas de minas. Descobri qual era a tenda do trapezista, entrei, me aninhei na cama onde ele me esperava.

Lampião — Esperava, como? Se você nem **falou com ele, só olhou...**

Mambaba — Pois é: ele me abraçou e disse, "eu me senti abrasado com o fogo do seu olhar".

Lampião — **Aí, Rafaela, que coisa. E como foi sua primeira noite? Dá pra contar?**

Mambaba — Minha primeira noite, na verdade, foi a décima. Quando me vi em pêlo com o trapezista me deu um branco — os ensinamentos de Sóror Jeanne Bernardette fizeram efeito e não consegui o "relax and enjoy" necessário. Durante nove noites Giovanni — era este o nome do trapezista — foi paciente e delicado comigo. Na décima noite, no entanto, quase enlouquecido de desejo, ele não agüentou mais: me deu uma surra e me violentou.

Lampião — **É a glória!**

Mambaba — Ah, mas tem mais! Escutem só. No dia seguinte, durante a função do circo, no qual eu já estava trabalhando num número de ciclismo, não agüentei o esforço de pedalar e o selim da bicicleta entre as pernas. Era como se eu estivesse sendo violentada outra vez. Foi aquela vertigem e comecei a pedalar cada vez mais rápido, depois comecei a gemer e a gritar, ninguém entendia mais nada. O Giovanni sacou tudo, naturalmente. Quando me tiraram do picadeiro eu estava outra vez banhada em sucos. O Giovanni viu que eu era dose pra elefante e fugiu, abandonou o circo. Eu fui em frente. Foram três anos maravilhosos como estrela, a domadora mais jovem do Brasil. Quando cansei de tanta glória voltei pra Carangola, mas a essa altura dos acontecimentos o Chrysóstomo já estava no Rio e lá me fui eu atrás dele.

Lampião — **Foi nessa época que você conheceu Madame Satã? É verdade que vocês tiveram uma ligação amorosa?**

Mambaba — Satã foi um dos maiores amantes que eu conheci. Gerações de pivetes, cafetões e soldadinhos se apaixonaram por ele. Mas a melhor coisa que ele me ensinou foi a bater em machões. Ninguém nunca sacou qual era a de Satã, mas ele tinha chegado, através da mais pura intuição, ao equilíbrio Zen; Satã descobrira que, olhado sob um determinado olhar, um machão perdia toda a sua energia, ficava impotente e submisso; era este o seu grande segredo, a razão de ele ter se tornado invencível. Dizem que Satã morreu pobre; ele era rico, milionário, pois sabia que sua sombra se projetava, ameaçadora e benéfica ao mesmo tempo, sobre os anos 70, estendendo-se depois, como um manto protetor, sobre os anos 80. Madame Satã foi o primeiro santo brasileiro; a gente devia iniciar uma campanha para canonizá-lo.

— Bom, mas apesar de tudo o que Satã me ensinou, eu tinha que ser contemporânea do meu tempo; a gente estava na década de 60, e eu fui ser **groupie** em Londres. Viajei clandestina pra Europa, no camarote de um libanês foguista de um cargueiro grego. Em Londres, fiz parte daquelas manadas de dementes que dormiam em Trafalgar Square, que enchiam o cabelo de flor-

ENTREVISTA

> ***Em Katmandu, certa vez, La Mambaba ouviu o eco de uma voz dizendo "não vacilarei um só instante:" era D. Hélder Câmara***

zinha e ficavam falando de Katmandu. Em Paris morei num barco encalhado no Sena e me apelidaram de Rainha do Ferro Velho.

Lampião — **Era o desbunde...**

Mambaba — Sim, mas meu desbunde foi tão grande que eu fui parar, realmente, no Nepal. Ah, eu ficava vendo aquela gente comer grama e falar de Nirvana, não agüentei. Me deu um ataque de sociologite, eu comecei a pregar a revolução e lembrar a proximidade da China, e os monges do convento de By My Tang, onde eu estava, me convidaram a ir embora. Antes disso eu tive uma aventura com um rapaz chamado Ringo (minha discreção não deixa que eu diga seu sobrenome, nem sua profissão); nós nos amamos uma madrugada, dentro da cabeça oca do Grande Buda da floresta de Ly Rai; o vento que soprava através das orelhas do monumento trazia sons de vozes que vinham ecoandò através das montanhas, de oceanos, e que se despejavam ali dentro, como numa cornucópia. Naquela noite a gente tinha queimado umas folhas mágicas para ativar nossas sensações. E então houve um momento — me lembro como se fosse hoje: Ringo me lambia a sola dos pés — em que eu ouvi uma voz de infinita bondade se despejar dentro da cabeça do Buda, e aquilo me paralisou; era d. Helder Câmara dizendo, "não vacilarei um só instante"... Ele parecia falar de um dos alagados de Recife.

(Arrepios gerais; os olhos de Rafaela, que vinham se tornando progressivamente verdes enquanto ela falava, ficam de repente azuis. Dimitri diz que ela está parecendo um daqueles personagens extraterrestres do filme "A Aldeia dos Amaldiçoados"; Rafaela responde que seus olhos sempre mudam de cor quando ela entra num barato).

Lampião — **Mas aí os monges te mandaram embora. É verdade que você foi direto pra Cuba?**

Mambaba — Menos direto do que seria de esperar. Ao sair de Katmandu eu fui parar na Turquia. Lá conheci um venezuelano chamado Carlos, que ficou encantado com o modo hábil como eu usava o chicote. Viajamos juntos para Hamburgo, e lá uma lésbica alemã chamada Helga arranjou um passaporte pra mim. Claro, meus

amores, eu tinha que ir a Cuba antes que Ignácio de Loyola fosse lá e estragasse tudo para sempre, não é?

Lampião — **Você e Fidel...**

Mambaba — É o que nós chamamos de biscuit; frasqueira; malinha. E tem um detalhe traumatizante: ele nunca tira a roupa. **Nunca**, entenderam? Dizem que é porque, num caso de atentado, fica mais fácil escapar. Mas eu tenho outra explicação pra isso; acho que é porque, em alguma parte do corpo, ele tem um coração tatuado com a inscrição "amor de mãe".

(A essa altura da entrevista a fita torna-se inaudível; todos falam ao mesmo tempo; ouve-se La Mambaba gritar impaciente que "não está interessada em cronologia"; Francisco Bittencourt responde que assim a entrevista vai virar um bordel; a entrevistada começa a falar de um bordel em Saigon, nos últimos anos da guerra do Vietnã, no qual a grande atração era um tanque cheio de piranhas)

Mambaba — Os clientes em busca de emoções fortíssimas pagavam uma fortuna para se atirar no tanque e serem devorados pelos bichinhos.

Lampião — **Mas então era piranha peixe, de verdade?**

Mambaba — Claro: "Made in Brazil". Quem diria, não é? A famosa decadência do mundo ocidental foi escolher logo um país do Oriente para se manifestar em toda a sua plenitude.

Lampião — **Escuta uma coisa, Mambaba; você resolveu voltar para o Brasil bem antes da abertura. Por quê?**

Mambaba — Eu estava em Los Angeles, nessa época; um dia encontrei Glauber Rocha num jantar beneficente; ele estava chupando umas espinhas de peixe que a Elisabeth Taylor tinha deixado no prato. Eu cheguei perto dele e disse, "ilustre patrício"! Vocês sabem, não há um só baiano que resista a um cumprimento desses. Ele falou durante 83 horas sem parar; me contou, em todos os detalhes, os 57 filmes que não tinha feito, e no meio disso acabou me confidenciando que o General Geisel ia promover a abertura.

Lampião — **E você acreditou?**

Mambaba — Ora! Se eu acreditei em "Terra em Transe", por que não ia acreditar numa coisa tão simples? Vim embora correndo. Eu sabia que o computador do Galeão nunca iria soletrar este nome, "Rafael Mambaba", sem sofrer um irremediável curto-circuito; por isso desembarquei tranqüila.

Lampião — **E aí...**

Mambaba — Foi um choque. Gente, pior que aqueles orientais comendo capim lá em Katmandu. Fiquei dois anos recolhida a esta casa, que a arquiduquesa me deixou de herança, e...

Lampião — **Pára, pára! Você nunca falou de nenhuma arquiduquesa!**

Mambaba — Ah, não? Ela ia se atirar num rio gelado, em Budapest, quando eu a salvei (depois, soube que ela fazia isso todos os anos desde que vira aquele filme da Ingrid Bergman, "Anastácia, a Princesa Esquecida"); era russa, tinha oitenta e poucos anos, andava com um buldogue chamado Stalin e numa noite em que tomamos seis garrafas de vodka Stolichnaya ela me revelou um segredo: a princesinha Anastácia era na verdade uma bichinha precoce, um travesti! Por isso ninguém nunca a encontrou...

Lampião — **Olha, Mambaba, tudo isso está muito louco; e ela tinha uma casa no Brasil?**

Mambaba — Claro que não, bichas! Isso foi depois da estrela cadente...

Lampião — **Ai! Até estrela cadente entra nessa história?**

Mambaba — É. Se vocês quiserem, é assim: a gente viu uma estrela cadente, e ela me disse, "faça um pedido". Eu fechei os olhos e pensei: "Eu quero uma casa no Rio, de preferência vizinha do Justino Martins". No dia seguinte ela me deu a escritura. Mas minha amizade com ela terminou mal; um dia eu encontrei um exemplar de "A Voz Operária" debaixo do seu colchão, e cismei que ela não era arquiduquesa coisa nenhuma, mas sim, agente da KGB. Aí, me mandei.

Lampião — **Mas você ficou mais de dois anos sem dar as caras.**

Mambaba — Pois é: o Brasil parecia ter dado um salto pra trás, eu me sentia assim, "filha de Jânio Quadros", sabe? Todo o mundo tão velho, tudo tão antigo. Foi aí que, tchan!, surgiu essa lamparina que ilumina finalmente os nossos caminhos.

Lampião — **LAMPIÃO! Shazam!**

Mambaba — E eu amei vocês desde o primeiro instante. Mas tem uma coisa: não abdico do meu demolidor espírito crítico... Eu sou uma socrática.

(É neste momento que Dimitri Ribeiro, qual um Cecil Beaton a voejar em torno de sua amada Greta Garbo, inicia a **photo-session**; Ylliuchin, o cão de Mambaba, treinado por ela para também ser estrela, toma posição, arregalando bem os olhos pra roubar a cena e garantir prá si a foto da capa).

Lampião — **Escuta, tem uma perguntinha aqui mandada pelos redatores do Jornal do Gay; lá vai: "a quem você daria nota 10, neste momento, no Brasil?"**

Mambaba — Cristo, que cafonice! Olhem aqui, a única pessoa pra quem vocês podem dar o telefone da Mambaba atualmente é o Gabeira. Sacaram?

Lampião — **É, mas você foi ver o Sinatra, não é?...**

Mambaba — Eu estava numa das primeiras filas. O que mais me impressionou não foi ele, mas sua mulher a Barbara. Imaginem vocês que ela chorou durante todo o show. Dizem que ela sempre faz isso, de emoção. Eu, no lugar dela, choraria também, mas de horror, né? De ver o bofe se apegar tão desesperadamente ao passado...

(No jardim de Mambaba, Zelda Pitzgerald, a cabra branca, já chegou ao último patamar do canteiro de orquídeas, deixando atrás de si um rastro de bolinhas arrocheadas. Dimitri já usou uma bolsa inteirinha de filmes, e continua inventando poses pra sua Greta. Mas La Mambaba se declara "trés fatigué"; levanta-se e, nuínha, nos convida a praticar o **botton-less** e cair com ela na piscina. A gente chega a tirar a roupa, mas desiste, ao ver que na água azulada está dormitando — imóvel há pelo menos 300 anos, mas pronto para um ataque traiçoeiro — Trancredo, o jacaré geriátrico. "Este jacaré já perdeu os dentes há muito tempo", diz a dona da casa atirando-se na piscina e espadanando alegremente. E, depois de levantar a bunda várias vezes em nossa direção, como um golfinho, ela nos despacha sumariamente, com uma frase que nos lembra outra diva)

Mambaba — I want to be alone. ●

O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar

Durante uma conversa com os jornalistas em Belo Horizonte, no dia 21 de janeiro, o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, afastou qualquer possibilidade de o governo adotar a prisão cautelar como instrumento de combate à violência nos grandes centros urbanos. Segundo ele, na organização jurídica brasileira "não existe a figura da prisão cautelar, e tudo quanto se refere a ela se resume a um debate que se travou sobre o assunto, bem como ao noticiário da imprensa".

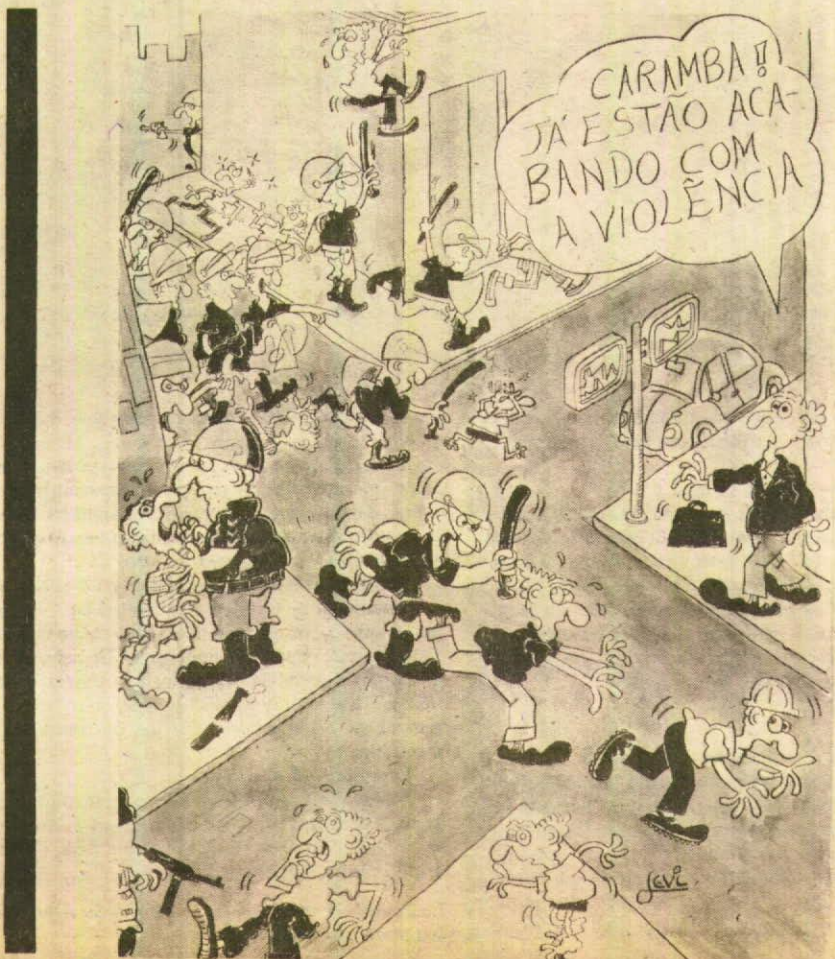
"Para introduzir no país a prisão cautelar seria necessário uma alteração da Constituição — explicou o Ministro. — Por parte do Governo não há projeto algum tentando instituir no Direito brasileiro a prisão cautelar, sendo o assunto impossível de ser tratado pelo Ministro da Justiça, uma vez que sequer foi posto em letra de forma, em termos de proposição."

Belas palavras as do Ministro Abi-Ackel, cuja posição pessoal parece ser, realmente, contrária à adoção de medidas como essa da prisão cautelar. Belas palavras que, no entanto, vêm apenas lançar um pouco mais de confusão em torno da questão, pois, ao contrário do que ele diz, o Governo vem cogitando do assunto, e este já foi posto **em letra de forma, em termos de proposição.** Vejamos: no dia 12 de dezembro, o Ministro da Justiça, Petrônio Portella, também em conversa com os jornalistas, fez esta observação: "A prisão cautelar, com os cuidados devidos, isto é, com a ciência a ser dada à autoria judicial, é algo que se impõe em nome da presteza, da eficiência do Estado."

Esse comentário do Ministro vinha no bojo de uma bem orquestrada campanha nacional destinada a provar que os índices de criminalidade no país estavam atingindo índices insuportáveis, e que, por isso, era preciso tomar dráticas atitudes repressivas. Embora nenhum dos jornais que participam ativamente desta campanha tenha exibido aos seus leitores a verdade insofismável das estatísticas (diz-se apenas que a criminalidade aumentou; mas quando isso foi conveniente para o sistema, também se disse que ela tinha diminuído, no período 1976/1978, sem que, igualmente, tal afirmativa fosse comprovada com números), criou-se um clima tal de insegurança que, num dado momento, medidas como esta da prisão cautelar mereceriam a aprovação unânime da população apavorada.

O que há de verdade sobre a prisão cautelar é o seguinte: ela foi pedida ao Ministro da Justiça durante um encontro nacional de Secretários de Segurança em Brasília, dias após o assassínio de Aézio da Silva Fonseca num distrito policial, no Rio, e quando os protestos contra a incompetência e a violência policiais atingiram o auge. Aézio fora preso irregularmente — quer dizer, mediante uma simples suspeita —, e a resposta da polícia à onda de protestos contra a sua morte foi exatamente esta: pedir ao Governo que lhe desse poderes para prender qualquer pessoa mediante suspeita.

O pedido dos Secretários de Segurança não mereceu qualquer comentário do Ministro Portela, na ocasião. Dias depois, no entanto, o deputado paulista Erasmo Dias, da Arena, ex-Secretário de Segurança de São Paulo e representante da linha dura no Congresso, apresentava na Câmara dos Deputados um projeto de lei criando, sem qualquer restrição, a prissão cautelar. **Um dia antes do recesso do Parlamento, e sem maior alarde, este projeto foi aprovado pela comissão de justiça da Câmara, da qual fazia parte o deputado Abi-Ackel, até ser escolhido para substituir Petrônio Portela no Ministério da Justiça.** Portanto, ao contrário do que o Ministro disse em Belo Horizonte, o assunto não só já foi posto em letra de forma, em termos de proposição, como até já mereceu uma primeira aprovação do Congresso.

Mas há outros indícios de que a adoção da prisão cautelar está nos planos do governo. O próprio Petrônio Portela, mesmo quando ainda se pronunciava contra a adoção da medida, já entregara a uma comissão de onze juristas, advogados, juízes e professores de direito "a tarefa de reestudar por inteiro o problema da criminalidade urbana e dos meios de garantir a defesa da sociedade". A presidência dessa comissão foi entregue a um veterano e muito conhecido criminologista de São Paulo, o professor J.B. Viana de Morais, e ela teve o prazo de 150 dias para meditar e oferecer as sugestões ao governo. Este prazo terminaria nos últimos dias de janeiro, e até novembro do ano passado o professor Viana de Morais também se mostrava contrário à idéia de que a prisão cautelar resolveria o problema da violência. Pelo menos numa das entrevistas que deu sobre o assunto, ele demonstrou claramente esta posição:

"Entendo que qualquer expediente atinente à prisão cautelar não é válido. Pode-se dourar a pílula, mas sempre se tratará de um instrumento perigoso e censurável. No meu entendimento, a única autoridade competente para declarar a prisão será o juiz. Nenhuma outra, e, assim, mesmo, atendendo a requisitos extremos e rigorosamente necessários. A experiência do mundo aí está: não são as prisões cautelares ou expedientes de arbítrio de índole policial que poderão servir de recurso eficiente para combate à criminalidade violenta."

Isso foi em novembro. Depois, veio o estranho incidente ocorrido com o Cardeal D. Vicente Scherer, de Porto Alegre, agredido em circunstâncias até hoje não esclarecidas, e que serviu para ativar, a níveis insuportáveis, a campanha dos que apregoavam a necessidade da prisão cautelar. E então, tudo mudou. Com as devidas reservas, a revista **Isto É**, em sua edição de 9 de janeiro, deixa bem claro que o escândalo em torno do misteriosos atentado a D. Scherer fez o professor Viana de Morais mudar de posição em relação ao assunto e influiu nas decisões da comissão. E, mostrando que teve acesso aos debates dessa comissão, a revista antecipa as sugestões que ela pretende fazer ao governo. Vejamos:

"Para combater o crime violento, a comissão sugerirá em leque de medidas, das mais as de maior impacto serão o policiamento ostensivo em massa nas periferias das cidades, limitações à venda de álcool **e uma forma de prisão cautelar.**

"O Ministro Portela receberá a sugestão de que essa prisão cautelar seja decidida pelo delegado de polícia (e não por qualquer policial) e comunicada imediatamente a um juiz especial. Haverá, assim, nas grandes cidades, os juízes privativos dos réus presos. Essa prisão será chamada, segundo sugerirá a comissão, de **detenção cautelar**, ou provisória. Terá um prazo máximo de 48 horas, renovável a critério do juiz.

"O delegado, ao decretar essa detenção, deverá garantir a ele completo direito de defesa, facilitando-lhe o acesso à sua família e ao advogado. A promotoria pública também será informada da detenção. O suspeito não ficará incomunicável e o juiz poderá pedir que o preso lhe seja exibido a qualquer momento.

"Ainda, para dourar a pílula, e para aquietar os escrúpulos dos representantes da Ordem dos Advogados nessa comissão, certas delicadezas formais serão sugeridas. Por exemplo, o objeto da detenção cautelar não deverá ser algemado e terá direito a ficar preso numa sala especial, na delegacia. O delegado ficará responsável por sua prisão e poderá er punido por abuso de autoridade pela atual e não-ativada lei de responsabilidade.

"Finalmente, a detenção provisória somente existirá para casos de assalto, assalto com morte (latrocínio), estupro, sequestro e extorsão. Os crimes contra os quais vem-se levantando o clamor popular".

Assim, ao contrário do que afirma o Ministro Abi-Ackel, há toda uma orientação no sentido de se adotar a prisão cautelar por parte do Governo. E nem mesmo a sua posição pessoal, contrária à medida, pode alterar esta situação de fato. Basta lembrar que Abi-Ackel foi um dos signatários da emenda Lobão, que pede a volta das eleições diretas em 1982, e agora, como Ministro da Justiça, está batalhando para derrubar, no Congresso, a emenda da qual é um dos signatários.

Há alguns meses atrás, num rumoroso debate sobre violência, num programa de tevê (**Fantástico, TV Globo**), o criminalista Virgílio Donnici disse que durante o governo Faria Lima, quando era Secretário de Segurança o General Brum Negreiros, as estatísticas da Secretaria de Segurança foram manipuladas para dar a impressão de que os índices de criminalidade vinham baixando sensivelmente no Grande Rio. A grande imprensa, ao simplesmente reproduzir os índices que a SSP lhe apresentava, sem se preocupar em checá-los, teve grande responsabilidade nesta farsa. A mesma responsabilidade de que ela tem, agora, ao alardear o crescimento dos índices de criminalidade sem se preocupar com as estatísticas.

Em São Paulo, por exemplo, "o número de assaltos no dia de hoje não é superior aos índices da década de 60". Quem diz isso é um especialista no assunto, o promotor Hélio Bicudo, o qual acusa o Sitema de estar estimulando uma propaganda da violência "para chegar a alguns resultados", como a pena de morte, a prisão cautelar e a volta do Esquadrão da Morte. "Está-se criando uma atmosfera que acabará dando à polícia carta branca para matar", diz Bicudo.

Quem será morto nessa história toda? "O governo vai combater o subemprego matando os subempregados", disse em São Paulo um líder do Movimento Negro Unificado. Não apenas os subempregados, diríamos nós, mas todos aqueles que, por algum tipo de estigma — que pode ser também a raça, o credo, a preferência sexual — já são habitualmente colocados sob suspeita e, mesmo sem que ela exista, costumam lotar os porões das delegacias policiais, vítimas de sempre da (apenas ainda não legalizada) prisão cautelar. (**Aguinaldo Silva**)

Uma luta de todas as minorias (da maioria)

Embora não devamos nos interessar apenas pelo que nos diz respeito diretamente, acredito que alguns leitores de LAMPIÃO **devem ter se perguntado: afinal, o que tem prisão cautelar a ver com homossexualismo? Tem, e bastante, é só prestar atenção.**

A prisão cautelar é um projeto em estudo pelo governo que, a pretexto de combater a criminalidade, permitirá (se aprovado) a polícia prender para averiguações qualquer suspeito pelo prazo de 10 dias, desde que o fato seja comunicado a um juiz. Ué, mas isso já não existe? Existe sim, mas é ilegal.

Pela lei atual, alguém só pode ser preso em flagrante delito ou por ordem judicial. Com a cautelar, esta prioridade passa para o delegado da esquina. Tudo nos leva a crer que esta lei servirá muito mais ao arbítrio do que ao combate ao crime. Será talvez o maior retrocesso jurídico da História do Brasil.

A prisão por "suspeita" atinge diretamente aos homossexuais e outras minorias, como os negros, por exemplo. Por avaliação subjetiva, poderá ser preso não apenas qualquer viado, como qualquer negro, qualquer pobre ou qualquer indivíduo que não consiga provar vínculo empregatício. Ué, mas isso já não acontece? Acontece — mas é ilegal. E se for legalizado, perderemos então qualquer possibilidade de luta.

Num país com alta taxa de desemprego e onde mais da metade da população ganha menos que o salário-mínimo (portanto, não pode ter carteira de trabalho assinada) chega a ser uma ofensa à população a prisão de alguém por falta de documentos ou por "vadiagem". É a roda-viva da repressão e do sado-masoquismo político. Deixa então de ser um assunto apenas das minorias e passa a ser também o da grande maioria dos brasileiros.

A prisão cautelar interessa apenas aos grupos mais retrógrados da nossa sociedade, que pretendem estender a toda população características do falecido Ato 5. Se somos empregados, bem educados e até respeitáveis, pode parecer que a cautelar jamais nos pegará. Mas nada nos garante que não seremos acusados de algo horrível amanhã de manhã. Hoje, são os "suspeitos" de assaltos e crimes violentos. Amanhã, pode ser tarde demais. Lembram do Ovo da Serpente?

Os partidos políticos (PBD, PMDB, PPB, PTB e PT), por serem formados pelos eleitos e não pelos eleitores, estão mais preocupados em brigar entre si do que em proteger os interesses do povo, do qual só se lembram nas vésperas das eleições. Tudo leva a crer que mais esta luta se fará sem eles — e até contra eles se preciso for.

Não é hora de fraccionismos eu briguinhas egoístas. Esta lei obscura atingirá a todos nós e portanto lutar contra ela diz respeito a todos. Homossexuais, negros, mulheres, minorias — maioria. (João Carlos Rodrigues)

Algumas vozes do contra

1 — HELONEIDA

A prisão cautelar é uma medida monstruosa (medonha, como dizemos lá no nordeste) nascida nos porões e nas mentes fascitóides. Trata-se de obter o poder legal de deter as pessoas sem culpa formada e sem prisão preventiva decretada. Atualmente, dentro da pequena margem de abertura que obtivemos no mar de arbítrio dos últimos 15 anos, até no Brasil ninguém pode ser preso sem flagrante delito ou ordem judicial escrita. É claro que isso não funciona plenamente: com a palavra, favelados, negros, prostitutas, travestis e pobres em geral.

Mas essas detenções são violências ilegais. Mesmo cometidas por autoridades, têm contra elas o peso da clandestinidade. Se o projeto hediondo da prisão cautelar for aprovado, qualquer cidadão poderá ser detido — sob suspeita — por até 60 dias. É a metástase da prática da Lei de Segurança Nacional vigente enquanto existiu o AI-5. Uma pessoa era presa para averiguações por 10 dias e essa detenção podia ser protelada para 30 e até 60 dias. Dentro das enxovias, nenhuma lei além do poder absoluto do policial. Que, em tantos casos era, também, o torturador.

As boas técnicas de tortura — como bem provaram esses anos de ditadura — não deixa muitas marcas visíveis. E se houver contusões, elas freqüentemente se apagam durante o curso da prisão cautelar. A idéia da prisão cautelar só poderia ter defensores neste país em conseqüência da longa noite de fascismo vivida por todos nós. Os autoritários se condicionaram ao poder total sobre as vidas alheias. Querem fazer este país regredir à Idade Média, apagar do perfil da sociedade as marcas da civilização. Querem deixar os mais fracos — os que não têm onde morar, os que não obtêm residência certa, os miseráveis e as minorias — à mercê da sevícia, da prepotência e da brutalidade. Tudo isso a pretexto de coibir a criminalidade. Criminalidade que foi criada pelo modelo econômico e pelo desrespeito ao direito de viver. (**Heloneida Studart, deputada estadual**)

2 — MODESTO

A prisão cautelar ou preventiva é uma medida de força, que violenta a liberdade individual, antes da sentença judicial regular. É excepcional no direito e só é tolerada na legislação do mundo civilizado, em casos extremos, cercada de muitas reservas e cuidados, para que não se torne a regra e não se estimule o arbítrio.

Polícias e poderes executivos tentam ampliar os seus conceitos, aumentando o seu poder de arbítrio sobre os cidadãos. Nos regimes autoritários ou "democracias" auto-adjetivadas elaboram-se sofismas e ficções jurídicas, que sempre ampliam o "direito" de prender "cautelarmente" o indivíduo, tornando regra uma exceção.

O Brasil é típico nesses aspectos. Nos períodos de maior liberdade, com prevalência do estado de direito, a prisão cautelar só era tolerada em casos graves de reclusão, mediante representação, fundamentada em novas provas convincentes da autoria do crime, alta periculosidade do agente, de tal modo a impedir ou desaconselhar sua permanência em liberdade.

No período autoritário, que se estabeleceu em 1964, e excepcional, que se abateu em 1968 sobre o nosso País, a prisão arbitrária, assim como a prisão preventiva sem fundamento, tornou-se a regra, para os acusados de crime político. As leis de segurança passaram a autorizar a prisão discricionária durante 30 dias ou mesmo 60 dias, 10 dos quais (8 dias pelo art. 53, Lei de Segurança atual) em incomunicabilidade. Esse prazo foi freqüentemente dilatado a até meses, sempre que os 10 dias não fossem suficientes para fazer desaparecer as marcas das torturas sofridas pelo custodiado.

O regime brasileiro atual está investindo fortunas dos nossos impostos em ampla campanha publicitária, preparando psicologicamente o povo para aceitar a prisão indiscriminada dos cidadãos, a pretexto de defendê-los. Divulgação de grande violência, sem exame das causas, que envolveriam a própria política econômico-social do governo; pregação da necessidade do Exército nas ruas e solução repressiva e despótica para os dramas sociais de nosso povo, baseiam-se em um sistema que tem medo da democracia, depois de estuprá-la durante 16 anos. Paralelamente realizam-se encontros de altas autoridades policiais brasileiras, no Brasil e no exterior, todas no sentido de "preparar" o povo e pressionar o Legislativo a entregar ao Executivo o ilimitado poder de prender o cidadão, a critério único do seu poder de polícia.

Enfim, querem generalizar contra todos os brasileiros o arbítrio que vem sendo cometido contra os opositores do regime. Se isso acontecer será mais um elemento de violência oficial a aprofundar o caos, que vem impedindo o estabelecimento da democracia em nosso País. (**Modesto da Silveira, deputado federal**)

3 — ABDIAS

Prisão cautelar? Realmente, precisamos de muita cautela com ela. Por que? Em primeiro lugar, está evidente tratar-se de algo que atenta frontalmente contra os chamados direitos fundamentais do ser humano. Como admitir-se num chamado país civilizado, que se prenda alguém pelo critério único do arbítrio policial? Dessa mesma polícia comprovadamente violenta e insensível aos direitos das pessoas pobres e humildes? Esse instrumento de violência legalizada, nas mãos dos policiais, nos conduziria certamente para caminhos imprevisíveis com resultados profundamente negativos e desgraçados para a maioria da nossa população.

Depois, no caso particular da comunidade negra, a prisão cautelar viria apenas reforçar seu estado de permanente terror, já que é público e notório o fato de serem os negros as vítimas prediletas dos esquadrões da morte, e seus lares os alvos prediletos das "razzias" e batidas policiais, o Assassínio impiedoso e cruel, sistemática e impunemente praticado contra a população de origem africana neste país, não pode receber o endosso legal de nossa instituição jurídica. Tal endosso não passaria de uma lei opressora e retrógrada, à qual temos o dever de opor a mais vigorosa resistência.

Pretendem justificar a lei com a onda de violência, roubos e assaltos que assola o país. Ora, esta é uma grave questão social provocada pela sucção dos resultados do trabalho brasileiro pelas multinacionais, associada à elite militar no poder há 16 anos. Uma lei cautelar deveria previamente acautelar nossos interesses, impedindo a espoliação do trabalhador brasileiro, evitando a terrível concentração da renda nas mãos de um pequeno grupo de privilegiados, e garantindo um nível de vida que não permitisse ao povo sofrer este estado de desespero, de fome e de miséria que leva alguns à delinqüência e ao crime. (**Abdias do Nascimento**)

4 — D. IVO

— É preciso refletir sobre as causas da violência, sem, porém, se negar o direito de legítima defesa. Não se pode, contudo, ir além dos limites preciosos. Não se pode aconselhar os cidadãos a andarem armados. Pelo contrário é preciso aconselhar para que não haja comércio de armas. Se armamos toda a população, os marginais também se armarão. A repressão policial deve agir dentro dos limites, obedecendo os direitos humanos. Por isso a prisão cautelar, a pena de morte e as condições carcerárias desumanas são inadequadas, já que em vez de melhorarem a sociedade, criam injustiças.

— As autoridades deveriam fazer um trabalho preventivo para controlar a violência, reeducando a família, dando maior atenção aos menores abandonados, e fazendo com que os meios de comunicação se autocensurem, não publicando em detalhes atos de violência, porque isso provoca duas reações: para uns age como estímulo, para outros como anestésico, pois eles se acostumam com a violência. Deveria haver um debate nacional profundo e sistemático sobre o problema, para ver se encontramos uma forma de combatê-lo. (**Dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. Este depoimento foi transcrito de O GLOBO)

5 — Dr. SOBRAL

Marcada a entrevista com Dr. SOBRAL PINTO por telefone, ele disse que não conhecia **Lampião** e antes de assumir a tarefa de dar um depoimento, queria ver primeiro o jornal.

Ao olhar a capa do número 20, perguntou imediatamente: — O que é michê? — É uma pessoa que explora a prostituição. — Mas vive da prostituição ou é prostituído? — É prostituído. — Mas não é mulher, é homossexual? — Não necessariamente.

Após esse breve diálogo a resposta foi: "É, não me agrada a companhia... É lógico que sou contra a prisão cautelar, pois se, mesmo havendo a proibição constitucional, a polícia age como nós sabemos, mantendo simples suspeitos por dias, semanas e às vezes meses nas prisões, imagine com a permissão legal, o que não acontecerá. E mais me revolta então saber, desde já, que as maiores vítimas serão os pobres e os indefesos.

"Mas apesar de pensar assim, não quero escrever para o **Lampião**, pois não me sinto bem. Aliás, o pessoal do Pasquim me amolou três anos até eu dar a entrevista para eles, e só cedi pressionado por amigos pessoais. Eu não gosto do linguajar deles. Espero, portanto, que você me compreenda..."

Nós não compreendemos mas aceitamos, Dr. Sobral. Mesmo porque, o senhor, com todo o seu passado de lutas — e não apenas o passado o presente também e, esperamos, o futuro — só merece o nosso respeito.

6 — GOFREDO

"Sou radicalmente contrário à legalização específica da prisão cautelar. Esse tipo de prisão sempre foi executada pela polícia e continuará sendo. Em certos casos, tal prisão pode até mesmo ser necessária. Mas ela tem sido causa, em muitos casos, de abusos inomináveis. Legalizá-la é impedir a luta contra esses abusos. (Goffredo Telles Júnior, professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo)

Itamaracá: na cela do castigo, o lamento dos presos comuns

No começo de 1975, os autodenominados "órgãos de segurança", em combinação com o governo Moura Cavalcante, que acabava de assumir a capitania de Pernambuco, desencadeava uma política de endurecimento carcerário contra os presos políticos de Itamaracá (1). A biblioteca foi devastada, os jornais entravam com páginas arrancadas, a imprensa nanica foi proibida. A visita foi transferida das celas ao parlatório. A geladeira e os fogões, permitidos em 1974, foram tomados em represália a protestos dos presos políticos contra torturas a presos comuns.

A parte mais dura dessa onda repressiva foi a política de separações que se intentou e, parcialmente, se aplicou. Inicialmente, eu e Luciano de Almeida fomos tirados da Penitenciária e colocados por mais de cinco meses numa cela de quartel da polícia militar. No final das contas, e depois de duas greves de fome, restaram separados os três companheiros na época, com prisão perpétua: Alberto Vinícius Melo do Nascimento, Carlos Alberto Soares e Rholine Cavalcante Sonde. Eles foram alojados numa cela próxima ao nosso pavilhão, e a sua área de banho de sol era separada da nossa por um muro de três metros de altura, especialmente construído.

Essa realidade, que durou quase 3 anos, gerou a chamda comunicação "via-Embratel", através de bilhetes atirados em pedras, objetos amarrados em nylons e um buraco cavado sob o alicerce, que cumpria também a função de telefone.

Transcrevo um dos bilhetes dessa comunicação subterrânea, enviado por Alberto Vinícius, hoje em, liberdade: "Estou aproveitando para te mandar uma cópia das frases que encontrei na cela quando da nossa chegada durante a (primeira) greve de fome. É que aqui funcionava um castigo, a famosa "geladeira", e os presos comuns são pródigos em registrar sentimentos nas paredes através de frases ou desenhos. Os últimos também eram numerosos: Cristo na cruz, cachorros, cobras, navios, a Casa de Detenção do Recife (por sinal, muito bem desenhada), um preso pendurado sendo torturado nas matas da Gubiraba, igrejas e toda uma seqüência de desenhos ditos da "putaria", as mais variadas posições, algumas, creio eu, impossíveis, outras curiosas, não faltando a tradicional suruba, o coito bucal (denominação dicionaresca da chupada) e enrabamentos. Passei uns dois dias contemplando o "mural comum" e infelizmente minhas limitações não permitiram ir além da cópia das sentenças. Na volta do hospital, já depois da gf (a segunda), fiquei triste ao constatar estarem as paredes caiadas e totalmente destruído o acervo. Eis a relação:

— CDR (2): Paraíso dos pilantras, inferno dos vagabundos.

— No submundo do crime, morrer é uma profissão

— Bandido vive pouco mas vive à vontade?

— Vítima de cabuetagem Sansão chegou ao cárcere onde só a paciência é testemunha do nosso sofrimento

— Não tem malandro periculoso ou tenebroso prà se ver livre do cabueta

— Cuidado com os plaquinha (3) **do capitão!**

— Sapatão dançou numa calúnia feita por letrinha

— Lúcio Flávio Vilar Lírio, o chefe de todos os ladrões, que foi morto numa batalha depois de ter assassinado 140 cabuetas, 30 putas, 80 mulher traideira e 150 policiais arregueiros (4)

— Boy, (5) o bandido sem coração; eu juro que quando sair daqui vingarei meu sofrimento

— Há momento em que a polícia faz torturas bárbaras em vagabundos quando eles não querem dar o serviço. Esse vagabundo que está pendurado é um delinqüente mas é um ser humano e merece uma oportunidade.

— As pedrás que hoje caem sobre nossas cabeças, amanhã pisaremos com os saltos dos nossos sapatos.

— Covarde é o homem que se banha no rio da traição.

— Quem ama sofre em busca da felicidade

— Não se pode cambater uma idéia usando a força das armas. Só se pode combater uma idéia com outra melhor.

— Preso confinado "espera nistia"!

(1) Atualmente restam dois presos em Itamaracá: Luciano de Almeida e Rholine Sonde Cavalcante. Ambos se encontram recolhidos ao Hospital da Polícia Militar, há mais de trinta dias em greve de fome pela sua liberdade.

(2) CDR: Casa de Detenção do Recife

(3) Plaquinhas: Presos-funcionários, geralmente ligados ao esquema da repressão, identificados por uma plaqueta.

(4) Arregueiro: relativo a "arreglo"

(5) Boy não pôde cumprir seu juramento, pois foi assassinado sob tortura na gestão do Major Siqueira, Diretor da Penitenciária, que mandou atirar seu corpo à rede elétrica para simular uma morte por eletrocução. (**Marcelo Mário de Melo**)

Fala o Movimento Negro Unificado

Abre-se a década de 80 e na ordem do dia a violência cada vez mais está presente. O ser humano se violenta e violenta seu semelhante de uma forma tal, que este comportamento, instigado e mantido pela classe dominante, acaba sendo visto como normal.

No Brasil, o noticiário é morte, linchamento, prisão, pena de morte, assassinato, etc.

O que está nos levando a isso?

O regime precisa manter-se. A minoria dominante usa de todos os artifícios para usufruir do poder. Torna-se cada vez mais necessário manipular qualquer forma de organização popular.

Como sustentáculo do regime, a polícia tem papel fundamental na repressão à classe trabalhadora; ela força o indivíduo, com prisões sistemáticas (por falta de carteira assinada) a aceitar baixos salários, favorecendo os patrões; invade e destrói lares; mata crianças indefesas sob a alegação de que perseguia criminosos; prende trabalhadores, matriculando-os, sob tortura, na escola de marginais que são as prisões brasileiras e as casas de recolhimento de menores.

Por outro lado, os meios de comunicação, em especial a TV, fazem um trabalho diário de catequese da violência, com os enlatados e outros programas também tendenciosos, que vão influir diretamente na opinião pública, que hoje se vê numa contradição entre a pena de morte e a justiça feita pelas próprias mãos, uma vez o que o sistema judiciário, classista e racista, só protege seus cidadãos em teoria, pois os custos, a lentidão e a reconhecida parcialidade dos aplicadores da lei não o tornam acessível para a grande maioria.

Tudo isso leva as pessoas a se desviarem dos reais motivos que geram a marginalidade.

Quem não se alimenta por não poder comprar o essencial, vive mal e porcamente nos dormitórios dos centros urbanos (subúrbios, favelas, invasões etc...) e que para ir trabalhar enfrenta trens e ônibus caros, sem conforto e higiene, poderá ter comportamento pacífico e compreensivo diante de tantas condições negativas?

Quando o ex-ministro Karlos Rischbieter tomou posse no início do ano passado, manifestou sua preocupação com os 35/40 milhões de pessoas em estado de pobreza absoluta, ou chamado quarto estrato. Apesar das boas intenções do sr. Rischbieter o quarto estrato continua como sempre esteve: 60% de suas necessidades básicas continuam sem ser atendidas. Trocando em miúdos essas pessoas passam fome, são doentes e não têm como pagar médicos e remédios, moram mal, não têm possibilidade de estudar e por isso não conseguem um emprego que exija um mínimo de qualificação.

E o nome disso é simplesmente miséria.

Não se quer dizer com isso, que a violência se limite às áreas e população mais pobres, mas é inútil querer negar que as situações de total privação, aguçadas por uma sociedade injusta que retém nas mãos de uns poucos os benefícios e lucros do trabalho de todos, a favorecem.

Será que a violência faz parte da natureza humana? A Antropologia moderna nos responde que não: "A violência é uma experiência cultural vivida e apreendida socialmente, assim como todo o comportamento humano específico: bondade, crueldade, egoísmo... covardia etc... O tipo de comportamento de um ser humano, em qualquer circunstância, não é determinado por seus genes, se bem que exista uma contribuição genética, mas sim pelas experiências que acumula o homem em sua vida em interação com esses genes." (Montagu Ashley — "A Natureza da Agressividade Humana".)

Num país como o Brasil a miséria e a conseqüente marginalização do processo produtivo colocam um grande contingente de pessoas como um exército de reserva de mão-de-obra desqualificada e barata. Para a polícia cada uma dessas pessoas é considerada um criminoso em potencial.

O aparato policial, assentado na defesa da propriedade privada e segurança pública cai com toda a sua força sobre aquele que infringir ou se rebelar contra a ordem estabelecida. E é nas áreas mais pobres, que abrigam uma maioria de negros e mestiços, que essa força policial se faz sentir mais agudamente, e é aí também que vai recrutar elementos para os postos mais baixos de seus quadros.

A prisão de desempregados enquadrados por "vadiagem" (num país onde o desemprego atinge índices cada vez mais altos) ou ainda "de elementos em atitude suspeita" são comuns na rotina das delegacias brasileiras.

Se as causas da marginalidade são políticas suas conseqüências também o são. Daí considerarmos o preso comum também como um preso político.

O projeto de prisão cautelar, temporária ou prisão para averiguação, pretende dar poderes à polícia para prender por determinado tempo aqueles que ela julgar "perturbadores da ordem", sem direito a Habeas Corpus. É a legitimação do abuso de poder da autoridade, principalmente quando se sabe que esta medida vai recair, mais uma vez, sobre este povo já tão oprimido.

Violentas também são as relações entre as pessoas, a censura, o esquema de ensino atual, e o racismo....

Num folheto distribuído tempos atrás pelo Itamarati no exterior, se dizia ser o Brasil um país de população branca, com pequena porcentagem de mestiços, e tradição e cultura de origem européia. Daí se conclui que o Brasil se envergonha de seu sangue negro e índio. Esse é somente um dos exemplos de uma política oficial mentirosa que tenta esconder, através do mito da democracia racial, um racismo institucionalizado.

A suposta superioridade branca é a base de uma ideologia racista que vem atingindo fundamentalmente o negro, justificando sua marginalização política, social e econômica.

A partir deste quadro, fica claro como a máquina compressora do sistema age: cria todo o tipo de desigualdades que jogam os indivíduos em situações desumanas, de miséria, racismo, desnutrição, mortalidade infantil, defeitos físicos e mentais, e marginalidade.

Daí termos fé de que um novo ser humano e uma nova sociedade podem ser criados. Se somos o combustível desta engrenagem, podemos pará-la. Para isso, temos que inverter os pólos da "instalação elétrica" sobre a qual esta sociedade está baseada, isto é, temos que nos voltar novamente para nós mesmos, enquanto seres humanos que somos, destruindo todas as formas de alienação (ou seja, de ausência de nós mesmos), de dominação e opressão a que estamos submetidos, e sob os princípios deste humanismo construir um novo conjunto social em que o ser humano se realize por inteiro, não mais mutilado (**Movimento Negro Unificado — Rio de Janeiro**).

Fala o pessoal do IPCN

A notícia divulgada pelos órgãos de comunicação de que o Governo pretende instituir a nova lei sobre a prisão cautelar deixou toda a nação apreensiva. Não se sabe até que ponto o cidadão realmente será resguardado em seus direitos, levando-se em conta que a medida legal, se aplicada corretamente, sem discriminações, terá o apoio de grande parte do povo.

É verdadeira a insegurança sofrida pela maioria da nação, principalmente nos grandes centros urbanos. Com a crise econômico/político/social dos últimos dez, quinze anos, tornou-se mais grave a situação da imensa maioria, exclusivamente daqueles que vivem de salário, já que o desemprego atingiu todos os setores. Pelo andar da carruagem, o povo só tende a ficar em situação pior, o que aumentará ainda mais a taxa de criminalidade. Ainda no início desse ano, o próprio Governo do Rio de Janeiro anunciou que a taxa de crescimento das favelas tinha sido de 323%.

É óbvio que "medidas acauteladoras" não porão um paradeiro na violência; apenas permitirão que se mate qualquer trabalhador, e ainda, que se possa rotulá-lo de assassino, ladrão, assaltante, etc. A prisão cautelar significa dar à repressão uma "abertura total".

Para que se acabe com o crescimento da violência será preciso, antes de tudo, acabar com as mordomias, as corrupções, os privilégios, a dívida externa, e distribuir melhor a renda nacional para que, pelo menos, não se criem novos marginais. A sociedade tem todo o direito de exigir segurança, mas não pode deixar de reconhecer sua culpa: os "marginais" não são inimigos da sociedade, mas suas vítimas "privilegiadas" de infortúnio. São frutos de nossa herança histórico/social/cultural, bastardos de nossa ganância, enjeitados por nosso comodismo.

Ainda está bem recente a ação do Esquadrão da Morte, de triste memória: na caça aos marginais, indiscriminadamente, matou ou sumiu com muitas pessoas inocentes, muitos, simples trabalhadores. Isso será possível, outra vez, com a prisão cautelar. Por isso, torna-se imperioso para os grupos ditos "inferiores" da sociedade brasileira, principalmente a comunidade de afro-brasileiro, e outros segmentos marginalizados socialmente, como os homossexuais, toda a tenção possível, a fim de se fazer face, com um alerta, a este novo golpe contra os Direitos Humanos. (**Jorge Cândido, do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra**)

Negros: as vítimas da "vadiagem"

O novo Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, além das qualidades naturais para o exercício da função, parece enriquecido por um atributo extraterreno, o de pitonisa. No momento em que as instituições de cultura negra se preparavam para combater a prisão cautelar, mais uma arbitrariedade que se somaria as muitas que são cometidas contra o negro, eis que o recém-empossado vem a público e nega o estabelecimento da medida judicial. Evidentemente, não foi a grita das entidades de cultura negra que abalou o representante do Poder Público. Apesar de maioria populacional negra, que se registra em recenseamentos desde o século passado, precisamente 1870, o negro nunca teve o poder de reinvidicação e, muito menos, o de decisão. Qual a necessidade da prisão cautelar, se o povo (maioria negra) pode ser e é preso arbitrariamente?

Uma vadiagem custa barato, e o negro é considerado coisa desde a instituição da revolução industrial inglesa. Abolida a escravidão, vadio foi o termo encontrado para qualificar o negro e enquadrá-lo na marginalidade do país. Uma marginalidade sem jurisprudência formada, mais de enorme força repressiva. Dificilmente, nos grandes centros, a maioria dos homens negros não foram molestados por policiais, ou deixaram de passar algumas horas e, até meses, nas prisões, sem qualquer culpa formada e sem a menor assistência do Poder Judiciário. Examinando a situação, encontro em **Ladinos e Crioulos** uma dissertação de rara racionalidade, numa prova de que a herança do Abolicionismo perseguiu o negro brasileiro e se fortaleceu em arbitrariedade a partir da década de sessenta. Escreveu o desabusado Sílvio Romero, depois de assinada a Abolição: "Os imbecis do ministério colheram apenas o fruto que pendia de apodrecido..."

Todo mundo sabia que a escravidão estava condenada, desde a Abolição do tráfico. O recenseamento de 1872, que acusara 6,1 milhões de pretos e pardos sobre uma população de 10,1 milhões (60,8%), já era muito significativo. Por exemplo, na Bahia, para 830.431 pardos e pretos livres, havia apenas 167.824 pardos e pretos escravos. A grande conquista da Abolição beneficiou apenas 750.000 escravos em todo o país, menos de um décimo da população de cor. Dois anos depois da Lei Áurea o negro e os seus descendentes, os mulatos, somavam 8 milhões. Os abolicionistas ganhavam, simplesmente, o reconhecimento legal de um estado de fato.

Era uma espécie de tradição dos círculos do governo o roubo organizado às vitórias da opinião pública, conseguidas contra e apesar dos desejos dos dirigentes. Para estancar os pruridos de independência, recorrera-se ao grito do Ipiranga. Para abafar o descontentamento contra a Regência, fizera-se a maioridade de Pedro II. Para safar da insolvência a lavoura, abolira-se o tráfico de negros (1850). E o grupo conservador, o mais fiel e intérprete da Casa de Bragança, manobrou de maneira a aproveitar quaisquer oportunidades de sancionar medidas de interesse nacional, propostas pelos abolicionistas, depois de combatê-las obstinadamente até que os seus efeitos pudessem tornar-se inócuos à sua privilegiada situação.

Isabel era mulher de grandes atitudes — desagravara André Rebouças, tirando-o para dançar, num baile da Corte, e no exílio daria o seu estímulo às experiências de Santos Dumont. Era arrojada e decidida. Partilhava dos sentimentos abolicionistas e sabemos que aguardou a aprovação da lei, independentemente dos sentimentos generosos da Princesa. Era uma manobra tática, visando a atrair para o Trono as simpatias populares, voltadas decididamente para a República.

A guerra do Paraguai fora habilmente explorada para sustar, em nome da unidade nacional, a pressão abolicionista. Ora, quando todos os patriotas clamavam novamente pela abolição — que o Império, aliás, decretara por demagogia no país vencido — quando se lançava aos quatro ventos o Manifesto Republicano (1870), o governo imperial sancionou a lei do ventre livre, uma idéia defendida na Constituinte de 1823 por José Bonifácio, em 1850 por Silva Guimarães e outros deputados, e em 1863 por Perdigão Malheiro. Se essa medida vinha, portanto, com cerca de cinqüenta anos de atraso, nem por isso se tornaria efetiva. Nos leilões de escravos venderam-se impunentemente mucamas e moleques nascidos depois de 1871. E a Lei do Sexagenário (1885), quando chegou, estava tão seca, tão encarquilhada, tão "sexagenária" mesmo — o seu embrião se encontra no projeto de José Bonifácio — que nem sequer obteve o transitório êxito popular da lei antecedente.

A lei Áurea — "o fruto que pendia de apodrecido" — passou quase sem oposição no Parlamento, num tempo recorde de quatro dias. Precedia-se, mais do que quarenta anos de campanha parlamentar e de agitação nacional, a economia capitalista, implantada definitivamente no Império depois de 1850, quando as grandes somas empregadas no tráfico de escravos encontraram ocupação mais rendosa e útil em bancos, empresas de navegação, indústrias e companhias de comércio. E, ao mesmo tempo, aceleravam o processo abolicionista e imprimiam razão e força às atividades de Luiz Gama, de José do Patrocínio, de Tavares Bastos, de Joaquim Nabuco, e de Rui Barbosa, a entrada de imigrantes, as fugas de escravos, as alforrias compradas ou doadas, a decadência da lavoura, o número cada vez maior de negros livres e escravos, recrutados pela indústria nascente.

O Império estava nas últimas. O Trono periclitava e os áulicos do Paço, num último esforço, capitalizavam sobre a ardente e sôfrega liberalidade da Princesa para conquistar a simpatia dos brasileiros. Daí que o cético Sílvio Romero descrevesse Isabel como "não sei que figura de enganadora"...

Em todo o caso, o delírio foi geral. O Imperador, no seu quarto de hotel na Europa, escreveu um soneto. José do Patrocínio beijou os pés do Regente. O negro, em todas as cidades, festejou ruidosamente a sua liberdade. Poucos, entre os abolicionistas, poderiam prever que nem toda a encenação do Treze de Maio fosse bastante para impedir o triunfo da República. "Setenta anos passaram desde a abolição. Isabel permanece no coração do povo. Os **enganadores** não conseguiram ludibriar mais do que a si mesmos". (**Ladinos e Crioulos** — Treze de Maio — Páginas 95 à 97 — Édson Carneiro — 1958)

O quadro apresentado pelo etnólogo Édson Carneiro, baseado na contestação de Sílvio Romero, não sofreu mudanças acentuadas. A situação do negro permaneceu inalterada no novo século, até a década de trinta. A indústria de base, a prestação de serviço, o militarismo subalterno mantinham o negro num estado de semi-escravidão. Por sinal, aqueles que conseguiam se manter em tal estado louvavam a Deus pela graça alcançada. A maioria populacional brasileira se estagnara na subvida. A pejoração da minoria dominante, e, até, dos semi-escravos contra aquela marginalizada, crescia a olhos vistos e se transformava na base da estrutura psíquica de todos. Os primeiros, sortidos opressores escondidos sobre a máscara do humanismo, e os segundos, desalentados oprimidos, sem qualquer perspectiva de uma vida digna. De quando em quando me lanço na pesquisa da cultura negra e nas entrevistas que colho das pessoas de mais de setenta anos. E a tônica é a mesma. "Naqueles tempos as coisas eram muito ruins para nós, agora melhoraram muito. Eu nunca poderia esperar tão boa sorte." Clementina de Jesus, Cartola, Mestre Rufino, fundadores da Portela e muitas outras celebridades da cultura negra assim se expressam.

A perseguição policial é um fato que se registrava diariamente, entre a população negra. Toda a manifestação ou comportamento era considerado crime, caso não estivesse em plena consonância com a cultura ocidental. Pixinguinha e João da Baiana, músicos acatados e aplaudidos pela alta sociedade, não deixaram, também, de registrar situações de repressão ao negro, apesar de suas vidas destacadas no mundo social e artístico. Cerca de Quinze anos atrás, ouvindo uma conferência do compositor Bororó, veteraníssimo boêmio da Lapa, me surpreendi com o comportamento policial do delegado Melo de Morais (tio do poetinha Vinícios de Morais). Aquele delegado, para se divertir nas noites de plantão, costumava prender por vadiagem os músicos negros que buscavam trabalho nas casas noturnas. Melo de Morais queria se distrair e ordenava aos seus meganhas que prendessem por vadiagem todos os negros que portassem cavaquinhos, violões e pandeiro. O homem queria música de graça e conseguia.

Heitor dos Prazeres, compositor e artista plástico já falecido, houvera me relatado tal fato e, inclusive, afirmou que diversas vezes fora preso por ordem daquele delegado. Se esta perseguição, à guisa de divertimento de um policial, acontecia no centro da capital da nação, o que não aconteceria com os negros do morro, do subúrbio, da baixada e do interior do país? A imprensa do começo do século possui um farto material que demonstra perfeitamente a situação marginal do negro. O cronista João do Rio, por sinal, de quando em quando se preocupava em lançar pejoração sobre o negro, e a sua cultura. Nas entrelinhas de seus artigos ou até acintosamente pedia às autoridades a prisão do negro ou, indo mais além, a própria morte daqueles "libertos".

Minha memória começava a se formar no ano de 1945, logo após a II Guerra Mundial. Nascido em Madureira, na região de D. Clara, observava diariamente uma série de atitudes estranhas contra os negros da localidade. Não entendia a razão, mas as frases da pobreza branca e mestiça me ensinava que: "Negro é a imagem do cão. Negro quando não caga na entrada, caga na saída".

Centenas de expressões pejorativas, assim como pedradas, eram jogadas sobre os negros de D. Clara. A qualquer pretexto as queixas se encaminhavam à delegacia da região e logo apareciam cavalariços, meganhas, guardas e detetives para aprisionar o acusado. A qualquer pretexto o negro era ameaçado de prisão. Jogando futebol na rua deserta, cantando samba em baixo de poste de luz ou brincando uma esportiva batucada, logo surgiam as ameaças. Em D. Clara havia alguns policiais famosos e a maioria dos negros do local foram ameaçados e, muitas vezes, presos por eles. A acusação era sempre a mesma. "Este negro é um vadio." A espada do cavalariço, as patas e o focinho do cavalo, ou cassetete do polícia militar (meganha) os murros e borrachadas do polícia especial (casquete vermelho-socorro urgente) e tantas quantas fossem as variações policiais, o objeto da prisão era, principalmente, o negro vadio.

A vadiagem ganhou maior destaque na década de cinqüenta com a ascensão dos delegados Padilha e Ari Leão. O primeiro não gostava de calça boca funil, paletó comprido e chapéu de aba larga (imitação dos negros do jazz e cinema americano). Bastava tal vestimenta para que o trajado recebesse voz de prisão por vadiagem. Tinha suas roupas cortadas, segundo a concepção do delegado opressor. Ari Leão (apesar de negro) perseguia todos quanto fossem os negros que cruzassem o seu caminho. A sua área de atuação era a Cidade Nova (zona do baixo meretrício), que apesar de não ser uma área de habitação negra, apresentava um elevado índice de prisões de mestiços e negros. Vadiagem, artigo criado arbitrariamente a partir da revolução industrial inglesa, ganhava corpo e se definia através da ação discriminante dos delegados Padilha e Ari Leão. Estes policiais fizeram escola. Solicitar documentos de negros se tornou uma norma (qualquer semelhança com a África do Sul é mera coincidência).

O Rio de Janeiro, então capital do País, projetava todos os seus acontecimentos pela nação inteira e muitos Padilhas e Ari Leões brotaram em todos os pontos. A razão principal do sucesso dos imitativos delegados estava sempre na ordem direta de quantos negros prendiam por vadiagem. A população carcerária aumentou e os processos se acumulavam nas varas judiciais. De uma acusação falsa, o inquérito policial se transformava numa verdade, de acordo com as infrações que se forjavam. Milhares de casos são estudados e examinados por juízes, até os dias atuais.

Precisamente, em 60, com a mudança da Capital para Brasília, a situação se complicou. Carlos Lacerda assumiria o governo do novíssimo estado da Guanabara e desenvolveria a opressão da polícia. Invernada, Homens de Ouro, Polícia de Vigilância e tantas quantas a sua imaginação achasse necessária para a sua segurança pessoal. Por ordem do governador foi destruída a praia do Pinto (favela da zona sul). Aliás, Lacerda se assemelha a Nero. Este tocou fogo em Roma, e o nosso falecido pôs fogo numa favela.

A vadiagem já estava dando uma grande despesa ao estado. Daí se inaugurou uma nova agremiação: O Esquadrão da Morte. Os "presuntos" (denominação que se dá aos mortos do Esquadrão) surgiam em todas as partes da Baixada Fluminense e a imitação, mais uma vez, atingiu todo o país. No Rio Guandu, até miseráveis, mais que mendigos, poluíram as águas que a população bebe. Tudo para acabar com a vadiagem. A seqüência governamental até os nossos dias em nada alterou o panorama. O negro é um vadio, sem documentos, que precisa ser combatido. Fosse aqui reproduzido a enorme série de crimes cometidos contra o negro no ano passado e no princípio deste ocuparia, só na relação, grande parte do espaço que utilizei para desenvolver este ensaio.

A Fundação Bertrand Russel, após vários anos de estudos em todo o Brasil, concluiu e está enviando um dossier com mais de mil páginas para a ONU, onde denuncia cerca de 700 casos de torturas e igual número de torturadores políticos. O Poder Público, empresas nacionais e multinacionais, médicos e toda a categoria de policiais estão envolvidos em crimes de tal natureza. Com o preso comum foram assinalados centenas de casos semelhantes ao do operário Aézio. Este volumoso levantamento da Fundação Russel talvez sensibilize as autoridades brasileiras.

Por enquanto a situação é a seguite: O Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que recentemente desmentiu a instituição da prisão cautelar, está recebendo um estudo elaborado por juristas no qual se recomenda a detenção acautelatória, esta, segundo o Ministro da Justiça, difere totalmente, da prisão cautelar, defendida pelo ex-Secretário de Segurança de São Paulo, Erasmo Dias. A detenção se apoiará nos artigos 157, 158, 159, 213, 214 e 219 do Código Penal. Quanto à Lei dos Tóxicos, a detenção acautelatória se apoiará nos artigos 12, 13 e 14. Segundo o artigo 157 do Código Penal, só ocorrerá prisão nos casos de roubo, extorsão, sequestro, atentado violento ao pudor, rapto de mulheres para a violação sexual e tráfico de drogas. Aí se inicia a discussão. A detenção será feita por qualquer policial, que através da delegacia em que estiver lotado, comunicará imediatamente à Justiça. Ora, de flagrante forjado as prateleiras das varas criminais já estão superlotadas. O projeto da detenção acautelatória consagraria a institucionalidade da vadiagem. O direito de ir e vir, determinado na Carta de Direitos Humanos, está ameaçado, desta vez sob a capa da legalidade. A violência instalada no país a partir de 1964 não se resolverá com simples medidas acautelatórias. De onde surgiram tantas armas e quem as fabrica? Quem incentivou o distúrbio psicológico em todas as camadas sociais dependentes? Quem não deu condições à maioria populacional brasileira de preservar e desenvolver a própria educação, a saúde e a economia?

Vitoriosa carreira ministerial de Delfim Neto busca, desde o ano passado, o apoio das classes sindicais. Um pactoi social é aceno que o Ministro oferece à maioria carente no seu combate particular à inflação. O negro brasileiro nunca antes consultado se vê envolvido em tamanhos trâmites que ultrapassam a sua abalada identidade racial. Identidade que além de abalada é sufocada permanentemente pela fantasiosa democracia racial instituída pelo Poder Público e defendida pelos seus pares. Inclusive, recentemente, o Diretor do IBGE, Jessé Montello, se apressou a descaracterizar a denúncia da supressão do quesito cor do recenseamento, alegando a indefinição racial do negro. Sem dúvida, uma tremenda brincadeira de péssimo gosto do Diretor do IBGE. Se existem mais de 130 definições da cor da pele, o problema cabe, unicamente, aos cientistas sociais e educacionais que servem ao Poder Público. Além da secular anulação que o negro é submetido pela minoria dominante.

Vadiagem, prisão cautelar ou detenção acautelatória, pouco importa. O negro continuará sendo a principal vítima de um país onde nunca pediu para nascer, mas de que se tornou o principal construtor. Se faz urgente uma profunda reflexão honesta, imparcial e descompromissada psicologicamente, do Poder Público, para que, talvez um dia, até quem sabe, o negro adquira a condição de homem brasileiro, deixando a posição de mera coisa, que já se perpetua. (**Rubem Confete**).

LAMPIÃO

Bichas: já pra cozinha

"Homossexuais: precisa-se para serviços domésticos, desde a preparação de pratos até a limpeza, em troca de um salário de quatro mil cruzeiros". O anúncio, publicado no jornal O Fluminense, levou vários candidatos ao emprego à casa de D. Stella Eggy, à Rua Barão do Amazonas, 495, apto. 202, centro de Niterói, onde ela mora com o marido e mantém uma pequena pensão, destinada a uma clientela privada — pessoas que trabalham na Caixa Econômica Federal, que fica perto da casa. Um dos candidatos era um repórter do próprio jornal, encarregado de fazer uma entrevista com a responsável pelo anúncio insólito.

D. Stella não se fez de rogada, e explicou por que preferia dar emprego a homossexuais em sua pensão: "Olha, trabalhou aqui um que se chamava Mundinho. Ficou oito anos e foi embora há seis meses, quando partiu para o Nordeste junto com a mãe. Nunca me deu trabalho e tinha bastante liberdade aqui em casa. Desde então, é chegar uma empregada e dois dias depois ir embora, tão rápido como chegou. Aí acabei dizendo um "basta": botei um anúncio no jornal e pronto.

Mas será que D. Stella só gosta dos homossexuais porque eles são eficientes no trato com a vassoura e o fogão? Ela diz que não: "Os homossexuais são pessoas maravilhosas de se tratar. São delicados e têm uma criatividade incrível. Sou do Espírito Santo, onde era dona de um salão de costuras. Lá comecei a me dar com eles. Quando me formei em administração de empresas, foi um homossexual quem fez meu vestido de formatura e me maquilou. Fiquei outra, é uma coisa maravilhosa. Aí, sempre preferi eles para trabalharem para mim".

Claro, as bichas palestinas **— aquelas que assumem, no movimento guei, as posições mais radicais — vão querer crucificar D. Stella, dizendo que o que ela quer é explorar a mão-de-obra mais barata, etc... Bom, mas não nos interessa dar palpite: estamos apenas contando o caso como ele aconteceu.**

Um candidato ao emprego se explica

Era uma tarde comum, de um dia comum, e eu lia comumente os classificados de alguns jornais, já com aquela premonição de que naquele dia publicariam algo que me despertasse atenção. Não deu outra. No "Fluminense" de 16.1.80, entre um anúncio de vendedor e outro de caseiro, encontrei o que eu procurava sem saber: **"PRECISA-SE — De homossexuais para serviços domésticos. Rua tal, nº tal, D. Estela".**

O anúncio era de Niterói. Chovia muito, porém, fui assim mesmo. Mas como alguns jornais do Rio já tinham estado lá, falando com a anunciante, resolvi fazer o inverso, e o resultado foi este: uma entrevista exclusiva com um dos candidatos ao emprego, um garoto bonitinho, cabelo encaracolado, alto, magro, simpático. Vejam o que saiu disso tudo:

LAMPIÃO — Oi, você veio aqui pelo anúncio?
ELE — Vim.
L — Por quê?
E — Este anúncio me despertou curiosidade.
L — Você está precisando de emprego?
E — Estou.
L — E você tem alguma experiência em serviços domésticos?
E — Mais ou menos...
L — Quantos anos você tem?
E — 19
L — Estuda?
E — Acabei o científico... mas pera aí, quem é você? Isso é uma reportagem?
L — Pro **Lampião.** Conhece?
E — Sim, que ótimo, vou sair no **Lampião,** é?
L — Vai...
E — Mas meu nome não, tá? Assim eu fico mais à vontade.
L — Tudo bem.
E — Eu gosto muito do **LAMPIÃO**, mas aqui em Niterói é difícil, não tem em banca, aí eu compro lá no Rio.

Após as apresentações, as perguntas sobre a Mambaba, os abraços pra patota toda, voltamos ao assunto.

L — Afinal, eles te aceitaram?
E — Eles não, falei com a Estela, uma morena bonita.
L — E aí?
E — Aí ela disse que já tinha um rapaz, mas eu forcei a barra e ela falou pra eu voltar na 2ª feira, porque ele ficaria dois dias a título de experiência.
L — Ela falou quais eram exatamente as tarefas?
E — Disse que era principalmente cozinha.
L — Cozinha?
E — Lá é uma pensão sem alvará, por ser prédio residencial.
L — Ah... e a grana?
E — Salário mínimo.
L — Você mora em Niterói?
E — Meus pais são daqui, por isso eu sempre venho. Mas eu fico no Rio: divido um apartamento com dois amigos.
L — Mas então como é que você ficou sabendo?
E — Porque um conhecido meu daqui me ligou e deu a dica.
L — Ela falou por que colocou o anúncio?
E — Ela disse que preferia um homossexual primeiro porque lá moravam quatro moças, depois porque era mais divertido...
L — Mas se você já tem científico e nenhuma experiência com trabalho doméstico, por que é que veio?

E — Detesto trabalhar em escritório, essas coisas. Ninguém gosta, né? Além do mais, estou precisando de dinheiro, estou sem emprego e quero grana pro aluguel, prum monte de coisas... Mas no fundo, eu esperava uma coisa mais quente.
L — Mais quente?...
E — É... pensei que esse anúncio fosse uma isca pra atrair algum homem que quisesse transar com outro, essas coisas, sabe?
L — Sei não, conta...
E — Poxa, você é fogo, heim? Bom, eu pensei que eles quisessem gente pra fazer foto, filme, programa, dizem que pagam bem.
L — Você transaria por dinheiro?
E — Tranqüilo, mas não dou pra ficar parado na Cinelândia, entende? Já fiquei uma vez, mas não consegui nada...
L — Então você veio aqui pra experimentar algo de novo?
E — Também. Inclusive eu tenho caso...
L — Tem? E ele sabe que você está aqui?
E — Ainda não.
L — Por que o "ainda"?
E — Preferi não falar agora, não sabia qual era a do emprego, se eu ia ficar...
L — Bom, a esta altura você não pretende voltar na 2ª, não é?
E — Você sabe que eu não sei?...(IRÔNICO): Quem sabe se com dois dias a título de experiência eu não saco mais alguma coisa?
L — Você acha que tem algo mais a sacar?
E — É eu estou achando esquisito, sabe? Deve ter coisa por trás disso, porque olha só, é meio-dia, né?, o cara já devia estar aí cozinhando, e não tem nem um cheiro de comida, nem prato na mesa...
E — Você entrou no apartamento?
L — Não, fiquei no corredor do prédio, mas olhei pela porta...
Quer dizer, não tinha qualquer sinal de almoço, embora já tivesse muita gente, ouvi vozes de homens e mulheres lá dentro...
L — Diz uma coisa: E se fossem elas a querer transar?
E — Se fossem entendidas, tudo bem, numa boa.
L — Só com entendidas? Por quê?
E — Porque nas transas elas não exigem de nós comportamentos de machão.
L — Então você ainda pensa em voltar...
E — É, eu estou meio desanimado, "não era bem isso o que eu queria"... mas pra quem tá parado..., né?
L — Você acha que homossexual tem mais dificuldade de arranjar emprego?
E — Se for pintoso tem, inclusive um colega meu foi pedir emprego num escritório e o chefe não deu porque ele era muito fresco. Mas no outro dia, a gente viu ele pegando, mais bicha do que meu colega. Quer dizer, era um homossexual que não ajudava outro que nem ele...
L — Medo da concorrência? (RISOS)
E — Deve ser, porque era um coroa, apesar de dizer que tinha 35 anos... Não é terrível? Aliás, eu perguntei pra Estela como é que ela podia saber que eu era homossexual.
L — Você perguntou isso? (CARA DE ESPANTO MINHA!!!)
E — Na maior, ela disse que se eu não fosse, não teria ido, nem me exposto; nenhum machão faria. Mas eu acho que ela queria um cara mais desmunhecado, mais divertido, como ela disse mesmo. Mas deve ter se interessado um pouco por mim, porque me mandou voltar... (ELE RI). O engraçado é que quando eu ouvi o nome dela pelo telefone, pensei na possibilidade da d. Estela ser um travesti...

Bom, depois dessa, a gente encerrou o papo e voltou a falar de amenidades. Agora: esse negócio todo é muito engraçado como folclore, conversa de bar, coisa e tal, mas só faz perpetuar os papéis que a sociedade machista e repressora impõe às classes dominadas: bicha, antigamente, só podia ser cabeleirera, maquiadora ou bailarina. Agora, ampliaram seu mercado de trabalho, apontando-lhe as promissoras portas do emprego doméstico. Sinais da abertura... (**Leila Míccolis**)

AVE NOTURNA

NÉO QUADRINHOS

JOSÉ CARLOS MENDES

CERTA NOITE EM COPACABANA UM JOVEM GUEI PASSEIA EM BUSCA DE AVENTURAS.
GALERIA ALASKA
QUEM SABE EU ENCONTRO UM DESSES TURISTAS SEDENTOS DE AMOR!
TEATRO A
EU SEI QUE HÁ MUITOS DELES POR AQUI!
STOP DANCE
CÉUS! DE ONDE VOCES VIERAM?!
SUJOU A BARRA
O JOVEM GUEI TENTA ESCAPAR MAS...
ESPERA AÍ... SEU VIADO... QUEREMOS TER UMA CONVERSINHA
VAMOS LEVA-LO PARA A PRAIA LÁ É ESCURO
...
MAS... AO DOBRAR UMA ESQUINA.
EI.. OLHE SÓ UMA BONECA PERDIDA NA... NOITE
ENCONTRA A TURMA DA RODOLFO DANTAS
ME LARGUEM QUE VÃO FAZER?
NA AREIA PROTEGIDOS PELA ESCURIDÃO
ANDE LOGO NÓS NÃO ESTAMOS BRINCANDO.
ELES SE PREPARAM PARA TORTURA-LO!
ANDE LOGO TIRA A ROUPA BONECA...
NÃO... NÃO... OH!
AH AH AH
PORÉM NO ÚLTIMO ANDAR DE UM PRÉDIO NAS PROXIMIDADES ALGUÉM ESTÁ DE VIGÍLIA!...
LÁ VOU EU DE NOVO... HÁ DISCRIMINAÇÕES POR PERTO
ENQUANTO ISSO...
ANDE, VAMOS, TIRA A CALÇA. ANDE LOGO.
OH.. NÃO POR FAVOR
AHAH
ANDE LOGO BONECA ESTOU ANCIOSO PRA VER SEU BUM BUM!
OH! NÃO! NÃO
ELES TORTURAM O JOVEM ATÉ O FIM...
MAS, SURGE ALGUÉM... PARA SALVA
OH! QUE É ISTO?
É... AVE NOTURNA...
ELE CORRE A PRAIA.
O RAPAZ ESTÁ EM APUROS...
POIS BEM... VOCÊ QUEM PEDIU... EU SOU A CÃO!!
NÃO SE APROXIME NÃO O CONHEÇO!
EU SOU O AVE NOTURNA IDIOTA... VOU SURRAR OS DOIS AGORA!
EU OS CONHEÇO MUITO BEM... JÁ NOS VIMOS ANTES
EU VOU ATACÁ-LOS
ELE AVANÇA PARA OS DOIS CARAS.
TOME ISTO! E ISTO!
OH! AI!
AVE NOTURNA ATACA OS DOIS
SÓC
POU
VAMOS DAR O FORA DAQUI! É DEMAIS
AH! AH! AH!... VENHAM AQUI... PIVETES! AH! AH! AH!
AH AH AH
AVE NOTURNA AJUDA O RAPAZ A SE VESTIR.
PUXA AVE NOTURNA, PARECE UM SONHO!
É... MAS VOCÊ PRECISA APRENDER A DEFENDER-SE SOZINHO
É!
EU GOSTARIA TANTO DE SER CORAJOSO ASSIM COMO VOCÊ!
MAS VOCÊ PODE SER É SÓ QUERER.
E SEU VULTO SE PERDE NA NOITE.
O RAPAZ FICA SÓ.
ADEUS AVE NOTURNA. VOU SONHAR COM VOCÊ ESTA NOITE.

REPORTAGEM

Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla

Sufoco na Argentina

I. Um pouco de história

Ao contrário de tantas nações do Ocidente que nas últimas décadas parecem dispostas a liberalizar suas atitudes repressivas para com os homossexuais, a Argentina vem seguindo a direção oposta: tem-se deflagrado, dentro da comunidade homossexual, periódicos ataques de terror que o regime militar iniciado em 1976 se encarregou de sistematizar. A coisa chegou a tal ponto que, hoje em dia, ser ou parecer homossexual é uma aventura perigosa na Argentina.

E no entanto, essa repressão exercida pela polícia e outros organismos de segurança, faz parte do contexto de uma sociedade que é tradicionalmente anti-sexual. O machismo se encontra tão profundamente arraigado na cultura do país que acabou por se constituir num de seus traços mais característicos. Por exemplo, o tango, esse produto portenho por excelência, em suas origens era dançado exclusivamente entre homens e, por isso, está perpassado por uma exaltação à masculinidade. A fúria anti-homossexual parece ter atingido também os fãs do rock, esse novo folclore urbano: o conjunto brasileiro Casa das Máquinas, fisicamente foi agredido pelos espectadores, quando tentou apresentar-se em Buenos Aires, em 1978.

Tal sexismo tão exacerbado está socialmente disseminado através da moral tradicional assentada sobre uma Igreja Católica muito poderosa. Ele se traduz, no plano institucional, por uma repressão crescente que emprega até mesmo a força das armas para enfrentar a deterioração de padrões já envelhecidos.

As primeiras tentativas de "limpeza moral" surgem com o golpe militar de 1930, tipicamente totalitário, que torna a prostituição ilegal e acaba com a "vida alegre" que até então era bem característica de Buenos Aires.

Mas é em 1942, por ocasião do escândalo no Colégio Militar, que pela primeira vez o fenômeno homossexual é reconhecido publicamente pela polícia. Nessa oportunidade, torna-se amplamente divulgada a participação de cadetes do Colégio Militar em orgias homossexuais — e os envolvidos são expulsos do exército. É debaixo da ditadura pró-nazista do General Ramírez, em 1944, que ocorre a primeira grande operação anti-homossexual: a polícia suspende as apresentações de Miguel de Molina, famoso cantor e dançarino bicha, no Teatro Avenida. E prende não apenas o artista mas também todos os elementos da companhia e, inclusive, o público do "Paraíso", ponto de encontro dos homossexuais. Miguel de Molina acabou sendo deportado em meio a um grande escândalo que se tornaria quase a versão nacional do caso Oscar Wilde. Esse episódio ficou tão conhecido que originou canções populares alusivas ao tema e piadinhas contadas até mesmo por professorinhas escolares.

Foi, no entanto, o primeiro governo peronista (1946/1955) quem criou os dispositivos legais que continuam até hoje sendo utilizados para reprimir policialmente os homossexuais. Tais normas foram introduzidas quase secretamente, sob a forma de complemento aos decretos policiais sobre contravenções (delitos menores), dos quais falaremos mais adiante. Mas o primeiro governo peronista utilizou esses editos em poucas ocasiões; uma delas foi em 1954, durante a grave crise com a Igreja; desencadeou-se uma verdadeira caça aos homossexuais, como pretexto para legalizar a prostituição feminina; a explicação era que os moços acabavam se pervertendo por causa da dificuldade de freqüentar prostitutas em condições seguras. Numa só noite, centenas de homossexuais foram detidos, muitos dentro de suas próprias casas. Mas tudo voltou ao "normal" depois de algumas semanas.

A seguir, a história da repressão anti-homossexual se liga à figura de um personagem sinistro: o delegado Margaride — maldosamente conhecido como Tia Margarida — que ocupou altos postos policiais, sobretudo no Departamento de Moral e Bons Costumes, sob os governos de Frondizi (1958/62), Guido (1962/63), Onganía (1966/70) e o segundo peronismo (1973/76). Durante o governo civil de Frondizi, organizaram-se gigantescas campanhas de moralização — que incluíam a prisão de casais hetero por se beijarem em público, o fechamento de todos os banheiros públicos freqüentados por bichas e sua detenção sistemática. O mesmo esquema foi repetido pelo ditador Onganía, que conseguiu desarticular definitivamente o ambiente homossexual de Buenos Aires — pois até então tinha sobrevivido o costume de reunirem-se grandes grupos de bichas em certas esquinas do centro. As boates entendidas, que tinham sido reabertas no período de 1963 a 66, foram novamente fechadas. Houve também a Operação Cinema: consistia na chegada simultânea da polícia nos cinemas de pegação, quando todos os espectadores eram presos e as salas fechadas. Em outras ocasiões, deflagrou-se a Operação Metrô: as saídas das estações eram sincronizadamente fechadas pela polícia, que prendia todas as bichas que caçavam pelas plataformas.

O governo liberal do militar Lanusse (1971/73) desenvolveu tentativas de tolerância: foi possível abrir algumas boates entendidas — mesmo que sofressem freqüentes redadas da polícia, logo que se tornavam mais "populares", o que obrigava os fregueses a mudarem constantemente de lugar. Essa desbotada abertura coincide com o surgimento da Frente de Liberação Homossexual Argentina, um reduzido movimento clandestino que tentou modificar a situação, a partir da conscientização da comunidade homo; suas exigências jamais foram atendidas e a Frente nunca conseguiu sair da clandestinidade, até sua formal dissolução em 1976.

A volta do peronismo ao poder combinou a permissão de funcionamento para numerosas boates com suas inesperadas "campanhas de moralização"; nelas, pelotões da polícia cortavam os cabelos compridos e rasgavam as roupas consideradas "ambíguas" (calças compridas para as mulheres, salto alto para os rapazes, etc); chegaram a torturar sadicamente aquelas pessoas consideradas "esquisitas" — basicamente homossexuais e hippies. É nessa época, também, que pela primeira vez os grupos terroristas de direita ameaçam os homossexuais argentinos; em julho de 1973, as ruas de Buenos Aires são tomadas por cartazes "contra a ERP (guerrilha esquerdista), os homossexuais e os viciados em droga"; ao mesmo tempo, militantes da Frente Homossexual são surrados pela polícia, que chega a invadir a casa de um deles. Um comando parapolicial atirou contra uma boate entendida que havia em Lanús (Grande Buenos Aires) e, na saída, agrediu os fregueses. Em 1975, a revista fascista "El Caudillo" — intimamente ligada ao governo de Isabel Perón — propôs que "se acabasse com os homossexuais", sugerindo que fossem enforcados em praça pública.

Na prática, a situação dos homossexuais antes do golpe de 1976 acabou sendo invejável se comparada com o que veio depois. De fato, até essa época, o caos generalizado gerou um clima de certa tolerância. De todo modo, em 1975, quando foi decretado o Estado de Sítio, já se podia perceber uma intensificação da repressão. Como sintoma desse endurecimento paulatino, sancionou-se nesse mesmo ano uma nova lei antidrogas, que foi copiada da Lei de Periculosidade Social da Espanha franquista e introduziu o conceito jurídico de "cura forçada", além de punir os consumidores. O CENARESO (Centro Nacional de Reabilitação Social) é incumbido de aplicá-la. Essa instituição psicopolicial passa a ser encarregada da "cura" dos viciados em drogas, mas está também habilitada a estender seu raio de ação a outros "desviados sociais".

2. Dispositivos legais contra a homossexualidade

As leis argentinas não punem a relação sexual (homo ou hetero) livremente consentida entre maiores de 21 anos. Uma relação com menor de 21 anos é considerada corrupção, mesmo que haja consentimento dele, e merece pena de três a oito anos de prisão. Mas, de acordo com a jurisprudência, a homossexualidade constitui agravante em qualquer tipo de causas penais.

Os dispositivos legais contra a homossexualidade, criados quase todos em 1946, não são exatamente leis mas sim decretos policiais — no mesmo gênero daqueles que punem a prostituição, a vadiagem, a embriaguez, etc., todos delitos menores conhecidos como "contravenções". Assim, a contravenção vulgarmente chamada "Segundo H" ("escândalo com incitação ao ato carnal em via pública") reprime especificamente a prostituição feminina mas é em geral usada também para punir os homossexuais. Graças a ela, qualquer pessoa suspeita de homossexualidade pode ficar detida até trinta dias, no pavilhão de contraventores do presídio de Villa Devoto. Às vezes, os condenados cumprem a pena na própria delegacia, onde são usados como "faxineiras" para varrer, limpar, etc. Isso acontece porque a capacidade do pavilhão de contraventores homossexuais geralmente se encontra saturada — com 130 ou 150 presos amontoados e em condições precárias, muitas vezes obrigados a dormir no chão, por falta de camas suficientes.

Não existem cifras oficiais públicas a respeito do número de homossexuais detidos anualmente; mas pode-se calcular que, só na Capital Federal, sejam mais de mil. A polícia costuma encrencar com certos homossexuais lumpen: um deles, por exemplo, foi preso por doze vezes, de 1976 a 1977. A penalidade é dada pelo Chefe da Polícia, sem intervenção da Justiça.

Ao contrário das demais contravenções, a "Segundo H" não pode ser substituída por multa. Existem outros decretos que punem de maneira semelhante o travestismo, as reuniões privadas de homossexuais (coisa que viola claramente o direito constitucional de reunião) e o fato de que um homossexual seja surpreendido em companhia de um menor de idade, em via pública. Teoricamente, os decretos podem permitir apelos à justiça. Mas na prática, a polícia obriga os acusados a assinar declarações de reconhecimento de culpa — através de ameaças e surras. Isso torna a aplicação dos decretos algo absolutamente arbitrário, que pode ser usado indistintamente contra qualquer pessoa.

Às vezes, a polícia se contenta em assinar a sentença correspondente e tem atribuições legais para desobrigar o detido de cumpri-la. Mas mesmo que não exista o encarceramento no presídio de Villa Devoto, uma contravenção constitui um antecedente policial que pode dificultar o exercício da profissão e o vínculo empregatício, já que as empresas privadas costumam pedir à polícia os antecedentes dos candidatos; isso impossibilita inclusive o exercício de qualquer cargo público; em 1976, alguns empregados ministeriais com antecedentes por homossexualidade foram obrigados a renunciar.

Tais dispositivos funcionam no âmbito da Capital Federal, mas cada estado tem suas próprias regulamentações a respeito. Em julho de 1979, um juiz da cidade de Rosário condenou três homossexuais a trinta dias de prisão; seu crime: estavam vestidos com roupas femininas, num bar.

Os homossexuais não são as únicas vítimas da sinistra engrenagem das contravenções. Por lei, a polícia está autorizada a deter qualquer pessoa, até 72 horas, para "averiguação de anteceden-

Buenos Aires tem o aspecto de uma cidade sitiada: dois policiais em cada esquina, ruas percorridas por carros da plícia

tes"; se houver antecedentes ou se a pessoa for considerada "indesejável", é possível condenar-se impunemente, por homossexualidade, vadiagem, embriaguez, ou qualquer acusação menor. Tais normas poderiam parecer inocentes se não se considerasse o gigantesco poder da Polícia argentina e seu zelo extremado em aplicá-las. Usados sistematicamente, tanto os decretos quanto essas "averiguações de antecedentes" constituem um perfeito terrorismo quotidiano contra a população.

Mas como recurso extremo, existe ainda a vigência do Estado de Sítio (suspensão das garantias constitucionais), que autoriza a detenção de qualquer pessoa, por tempo indefinido e sem culpa formada. Apesar de ser exercida contra os opositores políticos e não contra os homossexuais, essa forma de repressão pode muito bem ser empregada contra todos os que se atrevam a denunciá-la e, inclusive, a se organizar.

3. **A repressão aos homossexuais no regime de Videla**

O regime militar instaurado graças ao golpe de 1976, não precisou de novas normas para castigar a homossexualidade, dedicando-se a aplicar com desusado rigor as já existentes, até chegar a uma verdadeira perseguição sistemática. Essa perseguição, na verdade, se enquadra dentro do endurecimento geral que caracteriza o regime. Para esmagar as guerrilhas e os grupos de esquerda assim como qualquer forma de oposição política e partidária, a ditadura precisou montar um gigantesco aparato de segurança que, ao invés de ser desmantelado, continuou posteriormente sendo aplicado para controle rigoroso em geral.

Esse aparato repressivo é tão poderoso que parece mover-se pela inércia própria de suas dimensões. Exterminados os inimigos diretor, a máquina burocrático-policial-militar volta-se para o controle quotidiano da população e age contra todo aquele que se considerar ligeiramente suspeitado ou "esquisito — e tudo isso para justificar sua existência e manter-se em atividade. Ora, os homossexuais são uma bela vítima desse aparato.

A repressão se faz particularmente dura em Buenos Aires, que tem o aspecto de uma cidade ocupada: dois policiais em cada esquina, ruas incessantemente percorridas por carros de polícia e agentes à paisana, ligados aos mais diversos organismos e departamentos de repressão. Mas a tarefa não se reduz à violência passiva; supõe-se que toda essa gente precise de uma ocupação definida. Então delegacias têm uma quota determinada de "suspeitos" a serem detidos diariamente, devendo esmerar-se atingi-la. Periodicamente são organizadas operações policiais e militares em todos os pontos da cidade, sem outra finalidade senão a de semear o terror. Controlam-se automóveis, trens, ônibus, metrô. Fecham-se ruas, com vitória de todos os que passam por elas e detenções massivas de transeuntes. Invadem-se bares, lanchonetes, restaurantes, cinemas e outros lugares públicos. Essas e outras atividades semelhantes já fazem parte dos costumes locais, sem que ninguém possa livrar-se delas. Até mesmo sofisticados redutos da classe alta têm sido atingidos pela política. Em geral, essas operações não visam exclusivamente os homossexuais; mas se os encontram, prendem-nos.

Houve sim uma repressão especificamente contra homossexuais em março de 1978, como parte das operações de "limpeza" preparatórias à Copa Mundial de Futebol. A partir desse período, os policiais foram equipados com um dispendioso sistema de identificação eletrônica (chamado DIGICOM) que permite imediata averiguação dos antecedentes de qualquer indivíduo. Caso haja antecedentes, ocorre detenção imediata, com aplicação das penalidades correspondentes. Desde então, a procura de homossexuais tem sido incansável, realizada por agentes militares ou civis — estes últimos pertencentes em geral ao Departamento de Moral e Bons Costumes, encarregado dos delitos sexuais. Eles recebem inclusive cursos especiais para ajudar a identificar homossexuais através dos gestos e para se fazer passar por um deles. Os lugares típicos de reunião de bichas — Avenida Santa Fé, terminais de ônibus, metrô, certos cinemas — sofrem vistorias diárias. Andar pelas ruas é um ato suicida, especialmente à noite. A repressão conseguiu destruir definitivamente a vida noturna que sempre caracterizou Buenos Aires.

Pode-se dar como exemplo uma ação policial ocorrida em 19 de outubro de 1979, na esquina da Rua Corrientes com Rua Callao, no centro de Buenos Aires. Um policial bonitão e atraente espera dissimuladamente no banheiro masculino de um bar; quando, mediante provocação sexual, detecta uma bicha, sai atrás dele e faz sinal aos policiais à paisana parados por ali. O suspeito é detido, enquanto o dedo-duro volta para o banheiro. Outras técnicas são menos sutis: automóveis particulares, usados por policiais à paisana, que prendem as bichas encontradas. Aliás, qualquer carro de polícia se encarrega disso, de maneira menos disfarçada. A repressão está tão difundida que fica difícil determinar dias e locais — ela fica permanentemente à espreita.

Na Argentina, o funcionamento de bares e boates entendidos sempre foi ilegal. Sua existência depende de arranjos financeiros entre os donos e algum setor militar ou policial que os "proteja". Mas é impossível comprar a polícia inteira. Depois de alguns meses de tolerância, as forças da ordem invadem os locais e levam presos todos os presentes, sejam homens ou mulheres. Isso aconteceu com os poucos boliches entendidos que sobreviviam em Buenos Aires. La Gayola, de Caseros, que era protegido pela delegacia da região, desmantelou-se no verão de 1978, graças à intervenção direta do bispo de San Martim que chamou a Polícia Federal — o que vem mostrar a íntima relação da Igreja com a repressão aos homossexuais. O mesmo aconteceu com o boliche Tivos, em Ciudadela. Em setembro do mesmo ano, também foi fechado o Vickingos, numa operação amplamente divulgada. A inauguração do boliche Experiment, em julho de 1978, no centro de Buenos Aires, viu-se frustrada por um ataque policial, onde foram presos homossexuais da alta sociedade portenha. Esse boliche sobreviveu, mas como um lugar tão discreto que é preciso entrar com uma pessoa do sexo oposto e sofrer periódicas provocações. O fato mais recente foi o fechamento da boate Patos, no Barrio Norte, que era muito dissimulada e só aceitava ingresso mediante a apresentação de um cartão fornecido; mesmo gerenciada por um sub-oficial aposentado, houve prisão de duzentos homossexuais que a frequentavam.

Atualmente, subsistem dois bares vagamente entendidos: Privado e Green, ambos em Barrio Norte — mas a polícia os visita quase todas as noites. Com a ajuda do Departamento Marítimo, instalou-se uma boate guei num barco ancorado em Riachuelo. Mas a polícia começou a deter seus fregueses na saída, até que o bar fechou, dois meses depois de inaugurado. A seu modo, a repressão é democrática: nenhum lugar se salva, por mais fino que seja. os assédios policiais conseguiram limpar um tradicional ponto de reunião de entendidos: as ilhas do bairro do Tigre, onde aconteciam grandes festas em fins de semana. Não parece verdade, mas os policiais chegaram em barcos e levaram todos presos, até acabar com o ponto.

Foram fechadas também as poucas saunas entendidas que sobreviviam em Buenos Aires. Conseguiram acabar inclusive com o travestismo; houve ocasiões em que a polícia invadiu os cabarés de travestis, prendendo até as estrelas dos espetáculos. Ou então, os travestis eram presos na saída dos seus locais de trabalho. Nem os freqüentadores de cinemas de pegação conseguem escapar. No mais popular deles, Rosemarie, situado no centro de Buenos Aires, a polícia costuma deter os espectadores suspeitos, mesmo quando asseguram que estão assistindo ao filme. Alguns que tentaram resistir foram violentamente surrados em público. Às vezes, a atitude da polícia se tornou tão escandalosa que as autoridades foram obrigadas a dar explicações, pretextando operações anti-subversivas ou antidrogas. Nesse contexto, é temerário realizar uma reunião numa casa particular. Alé do que, boa parte dos encontros se gasta comentando as últimas novidades da repressão. Inclusive, é perigoso voltar para casa de madrugada. Até os táxis costumam ser barrados, assim como os trens, ônibus e automóveis particulares.

Integrantes das forças de segurança (policiais e membros dos serviços de informação ou das forças armadas) gostam de seduzir homossexuais, para em seguida exigir-lhes um bom dinheiro, em troca de sua liberdade. Se a vítima não aceita a chantagem, o próprio extorsionador leva-a à delegacia, onde deixa-a presa — isso aconteceu inúmeras vezes. Ou então tais indivíduos conseguem chegar à casa dos chantageados, para extorquir-lhes dinheiro. Houve ocasiões em que a ação desses policiais chantagistas foi tão descarada que a própria polícia se viu obrigada a processá-los. Mas na prática, os homossexuais encontram-se completamente desamparados: mesmo que consigam denunciar a chatagem, são passíveis de condenação através dos decretos policiais.

No que se refere à repressão — ideológica, qualquer referência que possa ser interpretada como apologia da homossexualidade está proibida nos meios de comunicação — e enquadram-se aqui a contracepção ou as relações extramatrimoniais. Nos meios radiofônicos e televisivos, cricula uma lista negra, que proíbe a atuação de homossexuais notórios. Um ator muito conhecido, O.P., foi despedido da televisão — por "razões morais". A censura se estende também ao material impresso. A pornografia constitui crime. Autores como Genet e Sade estão proibidos. Na lista de livros com circulação proibida por correio estão incluídos os de conteúdo homossexual. Este tipo de repressão não é novo: já na década de 60, o escritor Carlos Correas foi condenado a seis meses de prisão por publicar, numa revista estudantil, um conto chamado "A narrativa da História", onde se falava de uma relação homossexual. Um dos melhores escritores argentinos, Manuel Puig está censurado — seu romance "The Buenos Aires Affaire" contém a narrativa de uma ligação homossexual, assim como seu penúltimo livro, "O beijo da mulher aranha". Teve a mesma sorte o romance "A boca da baleia", de Héctor Lastra, também de temática homossexual.

As forças de segurança têm instruções específicas para não tolerar nenhuma manifesatação homossexual. Isso faz parte da campanha de moralização movida pelo governo, para realizar sua decantada ideologia "ocidental e cristã". O pensamento oficial a respeito está bem exposto numa entrevista concedida pelo Diretor do Departamento de Moral e Bons Costumes a alguns estudantes de Psicologia Social e apresentada nas Jornadas de Patologia Social da Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires, em 1977; segundo esse homem, a homossexualidade é uma doença congênita e as ações policiais procuram espantar os homossexuais das ruas, para que não pertubem as pessoas decentes.

Na prática, a repressão aos homossexuais não parece querer diminuir e sim aumentar, dando a impressão de se ter incorporado ao folclore do regime militar. Atualmente a ditadura ataca-os com os mesmos cuidados de discreção com que trata dos demais setores perseguidos. Isso torna mais difícil para o turista desprevenido perceber o denso clima de terror em que continua vivendo a Argentina.

Procura-se por todos os meios semear o terror, fato que se conseguiu perfeitamente. Burlar a vigilância policial constitui, hoje em dia, a primeira preocupação de qualquer entendido local. Isso dá às relações interpessoais um clima de paranóia e de desconfiança generalizada — impedindo que elas floresçam dentro de um mínimo de dignidade e respeito pela pessoa humana. O ambiente de opressão é intolerável e leva cada vez mais pessoas a tomarem o caminho do exílio.

CONCLUSÕES

No contexto da escandalosa violação dos direitos humanos que caracteriza a Argentina do General Videla, a situação dos homossexuais acaba se configurando como um episódio menor. Não se conhece por exemplo, a prisão massiva de homossexuais em campos de concentração, como no nazismo, estalinismo e castrismo. Apesar do pânico constante, os homossexuais argentinos ainda se atrevem a perambular — muito disfarçadamente — pelas ruas de Buenos Aires. A verdade é que o regime não lançou grandes campanhas publicitárias anti-homossexuais: limitou-se a pôr em prática sua ideologia. Os poucos episódios tornados públicos já fazem parte da crônica policial.

O governo de Videla pode argumentar a seu favor que não fez mais que intensificar o rigor na aplicação de normas sancionadas durante o governo "popular" (o peronismo) e colocadas em prática com igual dedicação por um governo "democrático" (o frondizismo). Oficialmente, a homossexualidade não é reprimida como tal; na Argentina, o que se reprime é o "escândalo"...

Evidentemente, não é necessário chegar ao genocídio. O fato de que uma pessoa possa ser punida com prisão, pelo simples fato de ser ou parecer homossexual — ou seja, de que sofra perseguição por isso — configura uma violação aos direitos humanos tão grave como, por exemplo, a perseguição aos negros ou aos judeus. E no entanto, o direito internacional não parece reconhecer essa paridade — basta lembrar que os homossexuais vítimas do nazismo nunca foram oficialmente reconhecidos pelos aliados e, menos ainda, indenizados. Enquanto não se quebrar radicalmente essa universal "conspiração de silêncio", regimes como o de Videla poderão perseguir impunemente os homossexuais, porque suas aterrorizadas vítimas não se atreverão sequer a denunciá-los. **(Por motivos de segurança mantém-se incógnito o nome autor da matéria. Tradução de João Silvério Trevisan).**

Bixórdia

Minas: tá assim de guei

Nos primeiros dias deste 1980 que desponta, um acontecimento tomou de surpresa a mineiríssima Juiz de Fora, devidamente testemunhado pelo lampiônico Darcy Penteado: o Brazão, time de futebol de Miraí (distante de Juiz de Fora 120 quilômetros, cidade com 5387 habitantes segundo o censo de 1970, e localizada a 1050 metros de altura) foi até a cidade vizinha disputar com o ABCR o campeonato regional. Até aí nada de mais e dentro das normas convencionais. Só que... o Brazão se fez acompanhar pela sua torcida guei, recém-formada.

E foi um desbunde! A esquadra visitante, incentivada pela Bragay, que festejou o tempo todo — isto é, nos tempos da partida, no intervalo e, segundo consta, nos vestiários, venceu por 1 a zero. E a meninada guei, prenhe de entusiasmo, empunhando flâmulas, bandeiras e faixas, com muita audácia, saltou das arquibancadas para o gramado e, junto com os atletas, fez uma volta olímpica **au complet**, sob aplausos da assistência que lotava o estádio.

Parabéns do LAMPIÃO aos rapazes da Bragay pelo entusiasmo e coragem demonstrados. Esperamos que vocês usem também essa força nascente em outras reinvindicações da classe, transmitindo essa autoconfiança a outras cidades mineiras cujos grupos minoritários ainda não tiveram coragem de sair à luz. Comuniquem-nos seus planos futuros, e vamos partir igualmente para coisas mais sérias, tá?

● Tragédia nas hostes lampiônicas: um dos maiores ativistas do bando apaixonou-se por um (argh!) heterossexual. E o pior é que o tal hetero, descontraído como a maioria dos heteros brasileiros, é desses que acham que, "como experiência, é válido". Vovó Maria Conga já foi devidamente mobilizada pelo resto do bando para quebrar o barato do pobre lampiônico. Enquanto isso não acontece, os outros caem de pau em cima dele: acusam-no de desvio ideológico, e querem obrigá-lo a fazer uma autocrítica. Heteros, dizem os mais radicais, só servem para engraxates, garçons, lanterninhas do Cine Roxy e soldados da PM. Amantes, nunca!

Atenção, bonecas: achacador agindo no banheiro do cinema Odeon, na Cinelândia, e em outros das cercanias. Diz que é da polícia, e toma o dinheiro de pessoas em "atitudes suspeitas" (o rapaz criou sua própria versão de prisão cautelar). Ele **não** é da polícia. Podem rebucetear, prendê-lo e entregá-lo à verdadeira polícia, sob a acusação de assalto e falsa identidade. E se a lanterninha chiar, batam nela **também**. Movimento guei é isso, queridas: **remember** Stonewall...

O Baile que a Riotur promoveu na Cinelândia, na noite do dia 20 de janeiro, para festejar o aniversário da cidade de São Sebastião, acabou se transformando, um pouco à revelia dos seus promotores, numa verdadeira Bixórdia. Sob o palanque de madeira armado em frente à Câmara dos Vereadores — que a abertura acabou por transformar em ponto fixo para todo tipo de manifestações — misturavam-se, ao som da fenomenal Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, pares para todos os gostos: homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher, mulher com homem, e cada par na sua: a ordem era dançar, sem se preocupar com o vizinho. Pairando sobre tudo isso, como uma espécie de sátiro que visivelmente se deliciava com o espetáculo (e pairando é o termo: ele estava no degrau mais alto do jirau armado para abrigar a orquestra), Rodrigo Faria Lima: o homem que criou a Sociedade de Amigos da Rua da Carioca, e que está se empenhando em reviver, com todo o tipo de promoções, o Centro do Rio. O bicharéu, que faz do Centro a sua área de lazer, está de olho nas promoções do Rodrigo: ele é quente.

No último dia do ano, na praia de Ipanema, mais de trinta pessoas, a maioria homens, ficaram nuas às quatro horas da tarde e ninguém ligou. Virou capa da **Isto É**. Pouco depois, uma mulher ficou nua em cima de uma moto em Belém do Pará. Outras pessoas também tiraram a roupa em Porto Alegre, Salvador e Guarujá. Os jornais caretas estão bufando. É a guerrinha nudista contra os preconceituosos. E aliás, quando é que você vai começar a tirar a **sua** roupa?

Na inauguração do Bifão/Cabaré (vai o comercial: fica na rua Santa Luzia, no Rio, e quem dirigiu o **show** foi o lampiônico Adão Acosta; vale a pena dar uma olhada), com a casa lotada, foram sorteadas algumas prendas. E imaginem quem foi a primeira a ter seu número retirado do saco? Nada mais nada menos que a inefável Rafaela Mambaba. Lépida e fagueira, lá foi ela receber seu prêmio. Um dos lampiônicos que dividiam a mesa com ela não resistiu e gritou: "Tinha que ser a Mambaba!", o que provocou um **frisson** na platéia. Imaginem, ela já tem até fã-clube, a atrevida!

TENDÊNCIAS

Olha a coisinha do pai!

Essa coisa gostosona que está aí na foto chama-se Jane. Ela é estrela, junto com a mítica Eloina (vide entrevista à página 3) do musical **Gay Girls**, que estreou no Teatro Alaska, dia 28 de janeiro (atenção para os horários: domingo, segunda e terça, às 21h30min; quinta, sexta e sábado, à meia-noite). Não se trata de mais um daqueles sacais espetáculos de travestis, à base da dublagem/micagem. Basta dizer que o texto, que as bonecas dizem com suas lingüinhas afiadas como navalhas, é de autoria do lampiônico José Fernando Bastos, e a direção, cenário e supervisão dos figurinos feitos em conjunto por Chico Ozanan e Marco Antônio Palmeira, também estão no elenco Maria Leopoldina, Veruska, Theo Montenegro, Ana Lupez (uma das que sofreram o diabo nas terras de Videla), Stella Stevens, La Miranda e o bailarino Guillermo. Tudo gente muito fina.

GAÚCHO jovem, culto, esclarecido, deseja entrar em contato com entendidos de mais de 21 anos. Walter P. de Abreu Pereira. Caixa Postal 1517, 90000, Porto Alegre, RS.

VINTE ANOS, entendido, 1,80m, deseja corresponder-se com jovem gueisativos e amantes da natureza. De todo o Brasil. MRM, Caixa Postal 171, 30000, Belo Horizonte, MG.

DISCRETO, 21 anos, 1,80m, gosto de música, pratico esporte, sou alegre. Quero fazer troca-troca com garotos e garotas com até 30 anos e que sejam alegres, de qualquer canto do mundo. MR Baxter. Caixa Postal 3945, 01000, São Paulo, SP.

NEGRO, paulista, 20 anos, 1,79m, 69 kg, deseja corresponder-se com rapazes de todo o planeta Terra, que sejam muito liberais, para uma amizade sincera e sem preconceitos. Willis Ferreiro, Alameda Nothman 463, 01216, São Paulo, SP.

SE você é gente, me escreva. Preciso de amigos, independente de qualquer fator. Sou moreno claro, 20 anos, estudante, discreto e disponível. Paulo Sérgio Santana. Rua Cesário Mota Jr., 526, aptº 10221, São Paulo, SP.

DESEJO corresponder-me com rapazes de 20 a 40 anos, que gostem de curtir as coisas da vida, principalmente o amor. Foto na primeira carta. Luiz. Rua 14 de Dezembro, 48, 13100, Campinas, SP.

UNIVERSITÁRIO, 23 anos, quer correpondência com rapazes de 23 a 35 anos. Foto primeira carta. Carlos Alberto. Caixa Postal 1096, 79100, Campo Grande, MG.

UNIVERSITÁRIA, 29 anos, morena clara, casada, deseja ralacionamento com moças de outros Estados, que sejam superdiscretas. S. Colen. Caixa Postal 4127, 40000, Salvador, Bahia.

VOCÊ quer viver de modo natural e sem poluição? Que tal comprarmos um sítio onde cada um possa viver livremente ao seu estilo? Escreva para Marcelo. Caixa Postal 16218, CEP 20000, Rio de Janeiro, RJ.

ESPERO você para o amor. Sou romântico, alegre, 1,79m, nível universitário e bonito. Qualquer idade ou cor. Gedemar Batista. Travessa dos Cardosos, 52, aptº 101, 21381, Rio de Janeiro, RJ.

PROCURO amigos gueis para um papo, tomar um choppe e, se possível, para namorar. Beto Coelho. Travessa Areal, 147, Barro Vermelho, 2400, São Gonçalo, RJ.

GOSTARIA de manter correspondência com pessoas de qualquer idade, sexo e formação cultural razoável para boa amizade e trocar postais. Sou moreno e tenho 32 anos. Cartas com foto para Marcos Miranda. Caixa Postal 1723, 40000, Salvador, Bahia.

BRASILEIRO radicado nos States, 30 anos, 1,71m, educado, romântico e compreensivo, deseja corresponder com patrícios de boa cultura. Troco foto primeira carta. Escreva em inglês, se desejar. A.M. Box 6585, Modesto, Calif. 95355, USA.

EXECUTIVA e universitária, 22 anos, morena, olhos castanhos, cabelos pretos, 1,60m. Gostaria de manter correspondência com meninas. Se possível, fotos nas cartas. Rua Capitão Neco, 118, 12700, Cruzeiro, SP.

TÉCNICO de laboratório, moreno claro, 26 anos, 1,85m, cabelos e olhos castanhos-escuros. Desejo corresponder-me com jovens entendidos. Jorge Luiz da Cruz Oliveira. Rua Almirante Valdemar Mota, 214, 21650, Rio de Janeiro, RJ.

ENTENDIDA 19 anos. Desejo me corresponder com pessoas (gueis ou não) que tenham algo mais na cabeça, além de chapéu, coroa ou cocar. E. Alvares. Rua do Ouro, 671/101, Serra, 30000, Belo Horizonte, MG.

RAPAZ sem amigos deseja fazer amizade com homossexuais de Salvador que não sejam travestis e gostem de música, teatro e cinema. Jorge Luiz, pré-universitário. Rua Machado Monteiro, 181. Roma, Caminho de Areia. 40000, Salvador, Bahia.

Cenas do quotidiano

As bonecas intelectuais que passam o ano inteiro enchendo as páginas de **Tendências** com seus enormes artigos sobre temas exóticos do tipo "a glorificação do machismo nos desenhos geométricos das coreografias de Bus by Berkeley", resolveram neste mês de janeiro ir todas à praia e à caça, e não apareceram por aqui. Daí, a gente ficou sem um ensaio enorme pra publicar, pela primeira vez em muitos meses, e resolveu arejar a sessão. Prá isso, algumas ilustrações pegam bem, não é mesmo? Aí estão duas: o desenho de Heitor Mestres é profético; feito no ano passado, ele reproduz um gesto que se tornou comum nas areias de Ipanema — um rapaz tirando o calção e mostrando o bundão antes de correr, nu, em direção à água. O outro desenho é de Ricardo Coelho, e mostra, com extrema sutileza, uma cena de amor guei, daquelas que a gente vê através das portas entreabertas de Hotel Hostal. Lindo, não é?

Betha, Simone...

Pesspal do Lampião! Espero que o ano novo tenha chegado trazendo muita alegria para todos vocês. Sou leitor assídua deste jornal maravilhoso que é Lampião da Esquina e agora vou fazer-lhes elogios e uma reclamação, além de dar minha opinião sobre o movimento guei brasileiro. A entrevista com Zezé Mota estava magnífica e o roteiro guei carioca veio em boa hora. Coleciono o jornal desde os primeiros número é é necessário que se reconheça o valor do jornal que tão claramente expõe os problemas das minorias brasileiras. Parabéns.

Só tem um problema, porque até hoje não foi feita uma entrevista de peso com a cantora Simone? Ela é a mais bela cantora brasileira do momento, além de ser dona de uma voz super sensual. Por acaso vocês não ficaram sabendo do sucesso da temporada dela no Canecão? Aqui em Porto Alegre ela ticou por duas semans teve lotação esgotada todas as noites, em São Paulo foi o maior sucesso e no Rio foi a glória total. Palavras da Folha de São Paulo; "SIMONE DESLUMBRA O CANECÃO". publicada depois no Jornal O Globo em 30.12. Vocês nem sequer noticiaram o lançamento do disco **Pedaços**, que é uma verdadeira maravilha; afinal, tem sentido nos dias de hoje ouvir uma música como "TÔ VOLTANDO" ou "CORDILHEIRAS", que na época da abertura foi finalmente liberada. Simone é a mulher do momento (que espero seja eterno), e e merece uma reportagem à altura (e bota altura nisso!!!). Uma sugestão: colocar endereços de movimentos gueis sul-americanos juntamente com sua ideologia. Não são só os gueis do Brasil que devem se unir, mas os gueis de todo o mundo. Na certeza de que irão continuar ótimos, despeço-me agradecendo a oportunidade de lhes falar. Beijos! Cuidem-se bem!

Vera Lúcia Pereira — Porto Alegre.

R. — **Vamos explicar de uma vez por todas, aos que nos pedem entrevistas com Maria Bethânia e Simone, porque não as fizemos até hoje. As duas, como vocês sabem, são contratadas por multinacionais do disco que atuam no Brasil; estas multinacionais têm pessoas especialmente empregadas para servir de pára-choques nos contratos dos artistas de renome, como Betha e Simone, e a imprensa. E estas pessoas, sempre que procuradas por LAMPIÃO, repetem que as duas cantoras não estão interessadas em aparecer como "preferidas do público homossexual", pois isso as limitaria e faria com que vendessem menos discos. Quer dizer: aquela multidão de mulheres que vai aos** shows **de Simone ou Betha e fica gritando "gostosa!, gostosa!, gostosa!", na verdade, está é atrapalhando a carreira das cantoras, vejam só! Agora, ultimamente, deu um branco na gente: será que Betha e Simone pensam realmente isso, ou os tais pára-choques é que estão pondo pra fora os seus preconceitos à revelia das duas** estrelas? **A partir de agora, vamos tentar passar por cima dos pára-choques e chegar às duas; como é que é, Bethânia e Simone? Vocês são gente, ou o sucesso transformou o coração de vocês em puro acetato? Aguardamos respostas.**

Irmã Coragem

Amigos lampiônicos: comecei o ano chocada com o nível de desinformação de nossos amigos da vida. Estava eu, no Acapulco, esperando o novo aninho chegar, com festivos rapazes me acompanhando, e eis que surge um papo sobre sexo... aí o meu choque: começou com um dos rapazes perguntando como a mulher chegava ao orgasmo. Cruzes, por God, acho até bom que eles não me façam concorrência, mas gostaria que ficassem claras certas coisitas... Imaginem que a pergunta menos cretina foi sobre os nossos órgãos genitais (Antes, quando me pintavam com estas perguntas, em nível individual, eu relegava à burrice da bicha amiga, mas quando me surpreendo entre pessoas que eu julgava bem informadas, cruzes...)

— Bem, imaginem que a idéia geral era que, além do já falido tipo passiva/ativa, existisse em uma das meninas algo, pelo menos, similar ao órgão sexual masculino. Pô, gente, isso seria hermafroditismo, que é doença. E nada tem a ver com homossexualismo. O meu choque foi mais por perceber o quanto as mulheres são tabu pra maioria do povo, guei ou não. Enquanto que pra nós, mulheres, o relacionamento hetero/homossexual não tem segredos (pelo menos creio que entre a maioria). Senti falta da tão falada abertura: o machismo existe e resiste, porque a falta de interesse pela verdade do assunto leva-os a ridicularizar a situação da mulher.

— As mulheres lésbicas não são um estereótipo de machos. Pelo contrário, assumo minha feminilidade, (assumimos, na maioria...), gosto de mulher, e daí? Porque a necessidade de ver algo relacionado com o homem em meninas que gostam de meninas? Por acaso um homem, para gostar de outro homem, precisa afinar a voz e dar uma de louca? Alguém lhes cobra este comportamento? E quando falo alguém, falo de mulheres, de lésbicas, também.

Sinto, cada vez mais, a necessidade de acabarmos com os preconceitos dentro do homossexualismo. A união não faz a força? Então, vamos à luta... não tô dando pito, não... estou me colocando à disposição de quem quiser se informar sobre a realidade das coisas, e convidando as mulheres que concordarem comigo a fazer o mesmo... Me coloco até, à disposição de vocês, lampiônicos, para um papo sem barreiras ou medos, para que joguem a verdade no povo; me ofereço, não pra instrumento de "esvaziamento de traumas" dos amigos alegres e festivos. E sim para esclarecer aqueles que querem ser esclarecidos neste assunto.

Sei da dificuldade de encontrar mulheres que se exponham a estas perguntas que pintam... mas alguém precisa dar um jeito, ou pelo menos, tentar... espero que não vejam nesse meu "grito" a meta de vulgarizar o homossexualismo, pelo contrário, quero sim, que todos tenham meios de não mais falar besteiras, que até chocam... e que vejam que não existe sujeira no assunto. O sexo é uma coisa tão bonita, porque as pessoas fazem, mas não gostam de falar? Bem, vou aproveitar o que resta de sol, porque já fiz o que me havia proposto como o mais importante do dia... lancei meu desafio, vamos ver quem segura essa... Com um beijão pr'ocês.

Yonne L. — Rio de Janeiro.

R. — **Olha, Yonne, a gente ficou ouriçadíssimo com a sua carta; a gente vive sonhando com uma mulher corajosa que se proponha a deflagrar o ativismo das meninas. O problema é que as acusações de "paternalistas" que nos fazem, sempre que falamos das mulheres, nos paralisam um pouco. Assim, a gente precisa conversar muito, pra ver como é que tudo isso seria colocado no jornal. Vamos bater esse papo? Ele é vital pro LAMPIÃO; assim, tudo nos une. A gente vai entrar em contato com você, tá? Beijos pra você também.**

Alô, Campinas!

Amigos queridos, volto a escrever, mas desta vez para um ligeiro puxão de orelha. Pois os senhores não cumpriram o que prometeram, a respeito da distribuição do jornal aqui em Campinas. Sabem, aqui você pode encontrar na banca entre a Francisco Glicério e General Osório o Jornal (?) do Gay e outros menos cotados, e nada do nosso Lampião que é o nosso verdadeiro Porta-Voz. Agora gostaria de parabenizar vocês pelo seu novo colaborador na Bahia, o Mott; sabiam que fui de suas alunas a mais apaixonada? Tesão pura. Cobro também de vocês uma cobertura completa sobre o Baile do São José, com brilhos e por trás dos brilhos. Minha fantasia está pronta e se chama "Marlene, a chama azul do Lampião, não queima mas aquece". Espero que tenham gostado.

Finalizando, gostaria de mandar um relato. Quando saiu o último Lampião, o nº 19, vinha eu no ônibus que me leva da capital à minha doce Campinas com alguns exemplares pedidos e pagos pelos amigos. Resolvi lê-lo, quando o senhor que estava sentado ao meu lado começou a esbravejar: "Pouca vergonha, jornal de viado, imundície" e outras coisas menos agradáveis... Só não me agrediu porque eu não sou do tipo que faz o gênero frágil; por isso que volto a insistir para que coloquem o Lampião à venda nas Bancas daqui. Pois vocês podem imaginar como fiquei furioso com o ocorrido. Beijos a todos vocês. P.S.: Pelo amor de São Sebastião, entrevistem a Wanderléa, pois gostaria de saber sua opinião sobre os gueis.

João Carlos (Vandeka Lampião) — Campinas, SP.

R. — **Alvíssaras, Wandeka! LAMPIÃO está chegando, com este número fresquíssimo, à doce Campinas. Avise a todas as amigas, que elas corram à banca mais próxima e adquiram o nosso "verdadeiro Porta-Voz". Em outro lugar dessa edição damos o nome do distribuidor de Campinas e de outras cidades às quais também estamos atingindo, a partir de agora. Carnaval, querida? Já estamos, neste número, em ritmo de samba... E pra sua irmã gêmea, a Miloca, Alice no País das Maravilhas, também manda um beijo, tá?**

Mulher machista

Tendo a entrevista que os senhores fizeram com o jovem Rodrigo, intitulada "Os clientes", as transas, os babados: as confissões de um jovem michê", publicadas no jornal Lampião da Esquina, nº 20, de janeiro deste ano, constatei um possível erro. Num trecho da entrevista estava o seguinte: "**Lampião** — Eu não estou entendendo bem. Pra você, o que é virar bicha? R. — É ter modos femininos. **Lampião** — Ah, bom; é ficar efeminado. Olha, uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas enfim... Continua". Como uma coisa não tem nada a ver com a outra? Pelo que sei, o homossexualismo no Brasil (a nomenclatura homossexual brasileira) divide-se em: — HOMOSSEXUAL PASSIVO: a) "boy" — aquele que funciona escondido. Não se pinta, não rebola, não sacode cabeça, não encara os "fanchonas" e tem uma personalidade tão forte que chega a confundir até os elementos que vivem há largo tempo nesta vida. Torna-se muito difícil definir o Boy, isso acontece só quando ele é "escrachado". b) bicha — o contrário. — HOMOSSEXUAL ATIVO: "fanchona". Palavras de Adelaide Carraro, do romance "Na hora do sol". Logo, quando o Rodrigo disse que virar bicha é ter modos femininos, está certo, pois confere com o dito acima, ou vocês não concordam? Espero Explicações. Um abraço.

Roberto Browne — Blumenau, SC.

R. — **É nisso que dá ficar lendo os livros de Adelaide Carraro, Roberto; você acaba assimilando, em relação a si próprio, os preconceitos da sociedade machista. Essa classificação para os homossexuais é arbitrária, é imposta a eles. Nenhum homossexual tem que ser necessariamente efeminado, e pode estar certo que apenas uma minoria deles __ a mais visível __ acaba caindo na armadilha da reprodução dos papéis __ masculino e feminino, ativo e passivo (cruzes!). Adelaide Carraro não entende nada disso, queridinho; ela é apenas uma mulher machista e preconceituosa que, além de tudo, escreve uns livros horrorosos. Leia, por exemplo, Darcy Penteado; você vai ver como a coisa é diferente....**

CARTAS NA MESA

Mais bairrismo

Caro Lampião: Antes de tudo um Olá! e saúde para todos. A razão pela qual tomo a atenção de vocês foi porque eu fiquei indignado com o que uma tal de "Dudu Magalhães" declarou por meio deste badalado (e ótimo) jornal no número de Janeiro. Porque, Somos/SP não veio e desapareceu, nem é um guetinho e muito menos somos perigosos. Muito pelo contrário, nós dos Somos/SP estamos muito ativos e atentos. Mas o que acontece é que por ironia do destino existe no Rio um grupo com o mesmo nome que o nosso e, infelizmente, não seio o que o Somos/RJ anda fazendo por aí.

E outra coisa: quanto ao Sr. D. Eugênio Sales, o camarada só não é mais ridículo por falta de espaço, e não me surpreende nem me assusta, porque vindo de quem vem e de onde vem é de se esperar (não mero bairrismo, mas muito sol na cabeça faz mal). E talvez o tal Dudu Magalhães nem seja homossexual, deve ser o tal caso onde a direita apronta e põe a culpa na esquerda só para conturbar o ambiente. Mas seja lá o que for uma boa pomada no cotovelo ajuda a aliviar a dor. E' também não sei por que vêm cobrar somente de nós iniciativas a declarações contra D. Eugênio. E eu pergunto só nós somos homossexuais, ou melhor somos nós anormais?! Sem mais, recomendações.

César Augusto — São Paulo

R — **Primeiro, César, é bom frisar que "o tal Dudu", na sua carta publicada no nº 20 do Lampa, estava se referindo ao Somos/RJ, ao qual pertence, e não ao Somos/SP; esse tipo de autocrítica é, para nós, profundamente saudável, e a gente espera que também aconteça aí em São Paulo. Segundo, deu pra sentir um certo ranço de patrulha ideológica na sua carta: qualé? Sem essa de falar mal do Rio, darling; o tal encontro nacional do povo guei foi organizado pelo LAMPIÃO com a ajuda vital do pessoal dos grupos cariocas. Isso, por exemplo, foi uma coisa importante feita aqui. É como disse a Teka no tal encontro: bairrismo é coisa de heterossexual. Ou, mais explicitamente: o São Paulo de que você tanto se orgulha pertence a "eles", meu bem; não a nós.**

Rapaz indignado

Queridos Gênios dessa Lâmpada mágica defensora dos fracos e oprimidos. Perdoem a forma egocêntrica de minha carta, mas minha intenção é exatamente chamar a atenção de vocês. Primeiro, a minha extrema indignação com vocês já vem desde meados de outubro passado, quando lhes escrevi e minha carta veio publicada, adaptada a uma outra e assinada por outra pessoa. Do chamado complexo de rejeição que sofro, fui atacado e entrei em parafuso. Depois, Lampião foi se tornando social, só se tratava de assuntos das outras minorias, e os nossos interesses foram sendo deixados de lado; eu pensava então: "Ora, deixemos que as outras minorias tratem de seus próprios interesses, defendam seus próprios direitos!"

Nós, homossexuais, temos uma série de problemas, reinvidicações, assuntos a tratar, e já é muito complexo acertar nossos caminhos, somos simpatizantes, sim, mas estamos sozinhos nesse barco! Perguntem as mulheres se elas nos apoiariam num movimento. Elas seriam as primeiras a nos atacar. A não ser um pequeno grupo mais esclarecido e intelectualizado de mulheres emancipadas, que já conseguiram sua própria liberdade e igualdade de direitos, o resto, meus filhos, nos fuzilaria! Vocês entenderam a jogada? Já as lésbicas é diferente, estou plenamente de acordo que lutemos juntos, por razões óbvias.

Perguntem aos negros se eles ficam do nosso lado. Duvido! Eles estão preocupados (entre aspas; preocupados, mas apáticos) com os seus próprios problemas, tanto da própria raça, como da sociedade que os marginaliza, e agressivos como são seriam capazes de nos bater. Realmente, eu reconheço que a discriminação racial é um disparate, mas não vamos deixar os nossos interesses fazendo disso um "levanta-bandeira"; levantemos sim a nossa própria bandeira.

Bom, daí refleti, e achei que Lampião deveria estar passando uma fase ruim, que breve, breve, as matérias iam melhorar, e aí está. Hoje, comprei o Lampião de janeiro e vi que voltou com força total. Nem bem comecei a ler e me deu uma comichã nos dedos de vontade de escrever. Vocês realmente são mara-vi-lho-sís-simos, tias, vocês não existem, eu amo, amo, amo todinhas, uma por uma, agora que já passou a vontade de ir aí e dar uma puxada na pir... desculpem, na orelha de vocês, madrinhas, o negócio é o seguinte: O que me arrepiou os cabelos (todos) e me deu um frio na espinha, foi a matéria sobre o Encontro Nacional do Povo Guei; gente, depois dessa, sai de baixo. São Paulo que nos aguarde em abril, pois haverá um abalo sísmico! Meu Deus, isso foi ótimo, pena que pouca gente pôde ir porque vocês não divulgaram nada, mas se eu soubesse em estaria, lá, rente que nem pão quente. Mas em abril, por favor, divulguem bastante para que muita gente possa ir; divulguem tudo certinho, data, local, etc. Eu estarei lá, nem que eu não saiba o local, mas eu encontro.

Flávio Neto — Rio de Janeiro.

R. — **A luta das minorias é um saco de gatos, Flávio; os negros desconfiam das feministas brancas, as feministas brancas olham de viés para as bichas, muitas entre estas são racistas e até __ pasme! — machistas, detestando as lésbicas e querendo vê-las pelas costas. Mas esta sua idéia de que mulheres e bichas, quando na horizontal, almejam a mesma coisa, é partilhada pelas mulheres menos esclarecidas, mas está errada, meu bem: as mulheres heterossexuais gostam de homens heterossexuais; os homens homossexuais deveriam gostar apenas de homens homossexuais; se isso não acontece, é porque alguma coisa está errada com eles. Deu pra entender? LAMPIÃO, sendo o único jornal de minorias que deu certo, mesmo sob permanente desconfiança dos outros grupos minoritários, sente-se na obrigação de abrir espaço também para eles.**

Socorro, Mambaba!

Tenho lido assiduamente nosso jornal guei, o porta-voz das minorias oprimidas. Por falar em minorias, uso o direito de meu livre arbítrio para dizer que o homossexualismo masculino e feminino não é minoria: é maioria. Parece minoria, porque existem milhões encubados e encubadas, mas quem domina é a minoria machista. É como o caso dos negros, quem domina é a minoria branca no Brasil, como bem frisou o intelectual Abdias Nascimento. E para terminar, meus colegas, como vai a nossa Lampiônica La Mambaba? Não conheço pessoalmente, mas pela sua descontração através do Lampião da Esquina, acho BACANA: Sei que ela me esclarecerá esta pergunta inédita: Quem terá sido o canalha que inventou para que as bichas paguem os bofes? Será que foi Santo Antônio ou Joanna D'Arc? Teresa de Jesus ou Domingos Sávio? Essa não: Cruzes!!! Que inventores malditos dessa exploração! Um abração a todos e uma beijoca na Rafaela Mambaba.

Eddy Sampaio — Rio de Janeiro.

R. — **Eddy, queridinho: quem inventou essa história de as bichas pagarem os bofes foi a mesma pessoa que inventou a história de os bofes pagarem as mulheres, as mulheres serem escravas dos maridos/machões, etc., etc.. Eu poderia lhe falar durante semanas sobre as perversões (as verdadeiras) do mundo capitalista, mas aqui não dá, que o espaço é pouco. Obrigado pelos elogios que me faz; me veja, neste mesmo jornal, nuinha; gostou? As bichonas aqui da redação, quando me viram sem roupa, puseram mil defeitos. Despeitadas! a) La Mambaba.**

Meu amante, o Ser Voador

Agora é pra valer: a gente passou quase dois anos prometendo aos fiéis leitores do LAMPIÃO que iria publicar livros, mas o projeto de ativação da Esquina-Editora foi sendo adiado por falta de grana, até que as coisas melhoraram. "Histórias de Amor", nosso primeiro livro, já está em fase de produção. Dele é a novela "Meu Amante, o Ser Voador", de Darcy Penteado. O próprio autor selecionou o trecho que publicamos neste número. Para o próximo, já está sendo escolhido um trecho de "Os Sete Estágios da Agonia", da fera João Silvério Trevisan. Aguardem.

Darcy Penteado

Conheci o ser voador em Paris. Era um quase final de outono e entre uma chuva e outra, subi à torre inacabada da Notre Dame, esperando que o vento carregasse, com o agitar dos meus cabelos, a melancolia que a solidão teimava em manter viva, dentro de mim e ao meu redor.

Eu estava junto à amurada que faz frente ao Quai de Montebello, encostado a uma daquelas carrancas de pedra que há mil anos observam impassíveis a cidade lá embaixo. Foi quando da névoa que envolvia os telhados e resfriava as ponteiras góticas da nave do fundo surgiu em vôo calmo aquilo (ou aquele) que a princípio, me pareceu um pássaro gigante, mas que depois, com o mais e mais se aproximando, notei tratar-se de um ser voador. Eu não estava só. Apesar do frio, haviam subido ao mesmo tempo que eu três turistas americanos, muito interessados na história de Quasímodo e Esmeralda, que o guia contava em inglês e em tom de melodrama (sem esquecer de citar Lon Chaney, Charles Laughton, Antonny Quinn e Gina Lollobrigida). Felizmente para mim, e para o ser voador, eles foram para o interior da torre a fim de ver e ouvir os sinos. A pancada leve que o guia deu no bronze não poderia ser ouvida de baixo, mesmo pelas poucas pessoas que estavam na praça naquele fim de tarde, mas ressoou forte nas minhas costas. Também não assustou o ser voador, certamente habituado a eles e que depois de sobrevoar compondo um pequeno círculo, pousou ao meu lado. Percebera por certo que possuímos as afinidades de duas pessoas que houvessem nascido ao mesmo tempo e do mesmo útero.

Seu rosto tinha aquela beleza luminosa de quem sabe ver. Mas era preciso também saber olhá-lo, para reconhecer nele toda essa beleza de predestinação. E eu sabia, eu aprendera a vê-la pela necessidade que sentia *dele*, ser voador. Mais do que já presentira a sua existência, eu a esperava, sôfrego, às vezes, desanimado e sem forças outras vezes, desde que conscientizara — e isso já fazia muito tempo, o tipo de mundo que me envolvia, procurando me sufocar e do qual só ele poderia me salvar.

Não fossem os seus pés descalços e os dedos das mãos (que devido ao muito voar tinham se alongado e espiritualizado como pontas de asas) e a leveza da roupa — apenas uma calça e uma camisa leve aberta no peito, num contraste grande com a japona de lã rústica, a calça grossa e as botas que eu usava, ele seria aos olhares comuns uma pessoa como tantas outras que circulam por Paris sem que ninguém se importe de saber de onde veio e sem nem ao menos olhá-lo no rosto. Mas a mim ele apareceu como o mensageiro de uma verdade em que eu precisava acreditar e que há muito era desejada. Lembrei-me antes de mais nada de lhe oferecer o meu cachecol para que agasalhasse o peito — era a única peça de roupa que eu poderia dispensar, sem ficar congelado.

— Não sinto frio, respondeu-me sorrindo. Estou habituado a estar assim, mesmo porque esta roupa me facilita os movimentos de vôo.

Sabe?, confessei, eu o desconhecia e, no entanto, o esperava há muito tempo. Mas é estranho que só agora tenha dado certo o nosso encontro.

E o que ele falou em seguida, encheu-me de felicidade:

— Pois eu já o pressentia há bastante tempo e depois que o localizei, tenho estado a observá-lo. O seu apartamento é num segundo andar da Rua Dalayrac e suas janelas internas abrem para dentro da Passage Choesseil, não é verdade?

— Sim, confirmei surpreso.

— Pois se você não andasse tão soturno ultimamente, se em vez de olhar só para baixo os que circulam nas ruas, levantasse as vezes os olhos para o alto, poderia ver-me pousado no telhado em frente.

— Mas por que você não se fez conhecido e visível antes, sabendo que o espero há tanto tempo?

— Eu o estava observando e... também gostei de você. Sabia ser esperado e tinha a certeza de que poderíamos ser bons amigos, mas... temia que viesse a me considerar o *seu* ser voador. A maioria das pessoas não consegue separar a carência de amor do sentimento de posse e, tanto mais necessitam dos outros para amar, mais desejam aprisioná-los. Mesmo sendo um voador, eu não me aceitaria vivendo numa gaiola. Principalmente não aceitara viver assim por ser um voador. Posso existir em amor para quem me ama, mas na exata proporção em que o outro esteja preparado para me perder. Porque nós, os seres voadores, só temos compromissos com os espaços livres da imaginação. O amor que oferecemos, se tiver que continuar, permanecerá vivo naquilo que deixaremos a quem nos ame. Esse amor poderá ser a lembrança de um vôo, um raio de sol que transportemos nos nossos olhos para presentear, um calor de asas agasalhando e protegendo, ou a experiência dolorida de uma queda no aprendizado do vôo; qualquer coisa, enfim.

Conversamos muito, ainda nessa tarde, nessa noite e nos meses que seguiram. Isto foi durante o tempo em que ainda morei em Paris, isto é, até minha volta ao Brasil, no fim do inverno.

Diariamente nos encontrávamos. Quando eu permanecia trabalhando em casa pela manhã, ele chegava com os braços ainda quentes do sol matinal que ia buscar lá no alto e ao me abraçar, me aquecia. Ou então chegava com os cabelos cristalizados de neve fresca que, para me presentear, apanhada em vôos rasantes nas nuvens invernais paradas logo acima do meu telhado. E com uma risada e um oscilar de cabeça, banhava o meu rosto com a neve recém-colhida.

Estivesse eu escrevendo ou pintando, largava a caneta ou o pincel e abraçava-o. Seu primeiro gesto era despir-me do agasalho e da camisa. — Vocês humanos se vestem demais, dizia. Assim os músculos ficam preguiçosos e perdem a elasticidade.

Eu então terminava de me despir e, com os pés descalços, apoiava-me sobre os seus. Ele me levantava num envolvimento de braços suaves e flutuando mansamente no pequeno espaço do quarto, nós nos tocávamos, nos beijávamos, nos possuíamos. O contato da sua pele tinha a leveza de plumas brancas, seu calor penetrava e aquecia meu corpo. Ele me bastava e me completava....